

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA “LUIZ DE QUEIROZ”

ESALQ/USP

**“Indicação de Saídas pelo Pacífico para o Café
Brasileiro: Potencial do Escoamento para
Mercados Asiáticos Específicos”**

**Orientador: Prof. Dr. José Vicente Caixeta-
Filho**

Orientado: David Yoshigi Nukui

Piracicaba-SP
Agosto de 2003

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo milagre da vida e pelo seus ensinamentos eternos.

Ao nosso querido professor Luiz Vicente de Souza Queiroz que, apesar de estar repousando em seus gramados, não se cansa em nos ensinar.

Ao nosso País, pelo suor do trabalho de nossa nação e pela confiança depositada em nós.

À minha família pela preocupação, pelo amor e pela compreensão da minha constante falta.

Ao professor José Vicente Caixeta-Filho ao qual, através de sua criatividade, preocupou-se na formação de profissionais dinâmicos.

À professora Sílvia Helena Galvão de Miranda, pelo incentivo em realizar meus sonhos.

Ao professor Gabriel Adrian Sarries que com seu amável apoio propiciou importantes conquistas em minha vida.

À professora Márcia Azanha, que com seu cuidado na formação completa de seus alunos possibilitou uma sólida base acadêmica.

Ao professor Adriano Azevedo Filho, pelo incentivo aos estudos japoneses.

Ao professor Geraldo Sant`Ana de Barros, por seu empenho pela nossa amada Escola.

A minha turma, onde do lugar que eu estiver, lembrarei do sorriso de cada um.

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS.....	iv
LISTA DE FIGURAS.....	vi
1. INTRODUÇÃO.....	1
1.1. Objetivos.....	4
1.2. Estrutura do trabalho.....	5
2. REVISÃO DE LITERATURA.....	6
2.1. Classificação do café.....	6
2.2. Tendências do agronegócio do café.....	9
2.2.1. Sistema Agroindustrial do Café.....	13
2.2.2. Preços e Consumo Nacional.....	16
2.2.3. Exportações.....	19
2.3. Mapeamento/descrição das principais zonas de produção.....	23
2.4. Principais mercados (países importadores).....	27
2.4.1. Japão.....	33
2.4.1.1. Características do mercado nipônico.....	38
2.5. Mercados promissores.....	41
2.5.1. China.....	41
2.5.2. Coréia do Sul.....	45
2.6. Características da comercialização do café no mercado interno.....	49
2.6.1. Armazenagem.....	50
2.6.2. Embalagem/Acondicionamento.....	50
2.6.3. Transporte.....	51
2.7. Postos aduaneiros.....	52
3. SAÍDAS PARA O PACÍFICO.....	54
3.1. Rotas possíveis.....	56
3.2. Portos marítimos.....	66
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	69
ANEXOS.....	73

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Distâncias percorridas por diferentes rotas com destino a Yokohama.....	3
Tabela 2 : Classificação do café beneficiado quanto à equivalência de defeitos.....	8
Tabela 3: Classificação do café beneficiado quanto à equivalência de impurezas.....	8
Tabela 4: Classificação do café beneficiado em função do defeito/tipo.....	9
Tabela 5: Financiamentos concedidos por fonte – 1994 a 2000 (R\$ milhões).....	12
Tabela 6: Cooperativas que exportam para os mercados estudados (2001).....	15
Tabela 7: Participação das torrefadoras e <i>dealers</i> internacionais – 1996 (milhões de sc 60 kg).	16
Tabela 8: Consumo de café no Brasil – 2001.....	17
Tabela 9: Produção dos principais países exportadores – 1997 a 2002 (em milhares de sc).....	20
Tabela 10: Exportação dos principais países exportadores – 1991 a 2001 (milhões sc 60kg).....	21
Tabela 11: Participação do café verde sobre as exportações totais e sobre o PIB.....	22
Tabela 12: Produção brasileira de café – anos-safras (milhões sc 60 kg).....	23
Tabela 13: Principais regiões produtoras de café arábica segundo classificação de bebida predominante.....	24
Tabela 14: Parque cafeeiro do Brasil, produção e produtividade – safra 2001/02.....	25
Tabela 15: Parque cafeeiro do Brasil, produção e produtividade – safra 2002/03.....	26
Tabela 16: Importação dos principais países consumidores – 1997 a 2001 (milhões sc 60 kg).....	29
Tabela 17: Consumo per capita mundial (kg café verde por pessoa).....	30
Tabela 18: Consumo estimado de café no mundo (milhões de sacas).....	31
Tabela 19: Índice de concentração das empresas exportadoras mundiais de café – 1991 e 1998.....	33
Tabela 20: PNB e comércio internacional do Japão (US\$ milhões).....	34
Tabela 21: Mercado de café no Japão – 1991/000 (milhares t).....	35
Tabela 22: Os principais exportadores de café verde para o Japão (US\$ mil, t).....	35
Tabela 23: Participação das importações do café – tipos (t, US\$ milhões).....	36
Tabela 24: Principais exportadores de café para o Japão - 2001.....	36
Tabela 25: Participação das importações no mercado japonês (%).....	37
Tabela 26: Produção de bebidas não-alcoólicas do Japão (em milhares de litros).....	38
Tabela 27: Crescimento do PNB, do PNB per capita e das estruturas econômicas da China (%).....	42
Tabela 28: PNB e comércio internacional da China (US\$ milhões).....	43
Tabela 29: Principais produtos importados pela China – 2000 (US\$ bilhões).....	43
Tabela 30: Procedência das importações chinesas – 2000.....	44

Tabela 31: Concessões tarifárias outorgadas pela China para o café (2000).....	44
Tabela 32: Mercado de café na China – 1991/2000 (milhares de t).....	45
Tabela 33: Crescimento do PNB, do PNB per capita e das estruturas econômicas da Coréia do Sul (%)......	46
Tabela 34 : PNB e comércio internacional da Coréia do Sul (US\$ milhões).....	46
Tabela 35: Mercado de café na Coréia do Sul – 1991/2000 (milhares t).....	47
Tabela 36: Importações sul coreanas de café verde.....	47
Tabela 37: Tarifas base e consolidada do café pela Coréia do Sul (2001).....	48
Tabela 38: Localização das EADIs nos principais estados produtores de café.....	53
Tabela 39: Trechos do corredor bioceânico Santos – Arica.....	57
Tabela 40: Trechos do corredor bioceânico Santos – Antofagasta.....	58
Tabela 41: Trechos do corredor bioceânico Santos – Valparaíso.....	59
Tabela 42: Movimentação de contêineres (t) – 1999/2001.....	66
Tabela 43: Número de portos no Japão classificados de acordo com sua administração – 1995.....	67
Tabela 44: Circulação de navios e movimentação de contêineres em portos sul- coreanos(t).....	67

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Produtividade da lavoura do café – 1975 a 2001 (sc 60 kg por ha).....	10
Figura 2: Organizações representativas do agronegócio do café.....	13
Figura 3: Diagrama do sistema agroindustrial do café do Brasil.....	14
Figura 4: Diagrama simplificado do SAG do café visando às exportações de café verde para o mercado asiático.....	14
Figura 5: Médias mensais do Indicador de Preços OIC e CEPEA – deflacionado (US\$ por sc 60 kg). Deflator: IPC-EUA.....	16
Figura 6: Indicadores de Preço do Café (Base ago/1994=100).....	18
Figura 7: Exportações brasileiras de café verde em grãos (milhares t).....	27
Figura 8: Exportações brasileiras de café verde em grãos (US\$ milhões).....	28
Figura 9: Preço pago aos produtores dos principais países exportadores – Deflacionado (US\$ por sc 60 kg). Deflator: IPC-EUA.....	32
Figura 10: Preço do café no varejo nos países importadores – Deflacionado (US\$ por sc 60 kg). Deflator: IPC-EUA	32
Figura 11: PIB e renda per capita do Japão – 1960/98.....	33
Figura 12: Processamento e distribuição do café verde no Japão.....	40
Figura 13: Zonas Econômicas Especiais (ZEEs) e portos livres da China.....	42
Figura 14: O transporte na Cadeia Agroindustrial do Café.....	49
Figura 15: Saídas pelo Pacífico para a região de Guaxupé.....	62
Figura 16: Saídas pelo Pacífico para a região de Viçosa.....	62
Figura 17: Saídas pelo Pacífico para a região de Patrocínio.....	63
Figura 18: Saídas pelo Pacífico para a região de Linhares.....	63
Figura 19: Saídas pelo Pacífico para a região de Franca.....	64
Figura 20: Saídas pelo Pacífico para a região de Marília.....	64
Figura 21: Saídas pelo Pacífico para a região de Londrina.....	65

Resumo: A participação do agronegócio nas exportações brasileiras tem se tornando fundamental para o superávit comercial brasileiro. Neste contexto, a exportação de café é uma tradicional atividade que contribui para este superávit. Entretanto, com o aumento da produção brasileira e mundial de café, torna-se importante para o Brasil buscar novos mercados para este produto. Os mercados asiáticos caracterizam uma região em que as relações comerciais com o Brasil têm observado um significativo crescimento. A China é uma economia que apresentou crescimento econômico médio de 9,5% ao ano nas últimas duas décadas, tornando-se o 2º mercado importador do Brasil. Apesar de ser um pequeno importador de café, tal como a Coréia do Sul, esses dois países constituem potenciais mercados por apresentarem crescimento no consumo de café na última década. Já o Japão é o terceiro maior importador mundial de café e o quarto maior importador de café do Brasil. Portanto, dados o aumento das exportações de café brasileiro e o aumento das importações no Japão, China e Coréia do Sul, este estudo aponta algumas saídas pelo Pacífico, que podem significar menores distâncias entre as regiões produtoras de café e estes mercados consumidores. O estudo levantou 9 cidades de origem e 3 portos de destino, formando ao todo 21 possíveis rotas para transporte de café. Nos mercados consumidores indicou-se os principais portos abertos ao comércio internacional e que estariam aptos a receber este produto.

Palavras-chave: transporte, logística, café, comércio internacional.

Abstract: The participation of the agribusiness in the Brazilian exportations has become fundamental for the Brazilian trade surplus. In this context, the coffee exportation is a traditional contributing activity for this surplus. However, with the increase of the Brazilian and world-wide coffee production, it has become important for Brazil to search new markets for this product. The Asian markets characterize a region where the commercial relations with Brazil have observed a significant growth. China is an economy that has presented an average economic growth of 9.5% per year in the last two decades, becoming the second importation market for Brazil. Even though being a small importer of coffee, such as the Republic of Korea, these two countries constitute potential markets presenting growth in the consumption of coffee in the last decade. Japan though is the third world-wide importer of coffee and the fourth biggest importer of coffee from Brazil. Therefore, given the increase of the exportations of Brazilian coffee and the increase of the importations in Japan, China and South Korea, this study points out exits for the Pacific Ocean, that can mean lower distances between the producing regions of coffee and these consuming markets. The study raised 9 cities of origin and 3 ports of destination, forming 21 possible routes for coffee transportation. Were indicate in the consuming markets one the main open ports to the international trade and that they would be apt to receive this product.

Key words: transportation, logistic, coffee, international trade.

1. INTRODUÇÃO

As gradativas mudanças no comércio mundial começam a afetar os interesses brasileiros. As propostas dos acordos econômicos com a ALCA e com a UE não atendem de modo satisfatório o acesso aos mercados para as exportações brasileiras, em especial, do agronegócio. Por haver interesses políticos de cada bloco econômico, no caso dos produtos agrícolas isto tem significado subsídios concedidos aos produtores dos países desenvolvidos, e barreiras tarifárias e não-tarifárias impostas aos produtos importados. Neste cenário, o Brasil busca realizar acordos comerciais com países que possibilitem as exportações de seus produtos mais processados. Dentro deste contexto, os produtos do agronegócio do café se destacam por sua maior agregação de valor em relação aos outros produtos agrícolas. Além disso, estão surgindo nichos de mercado para este produto conferindo maiores oportunidades para o agronegócio do café.

Os países de grande potencial para os produtos processados brasileiros são os países da Ásia-Pacífico por apresentarem um interesse recíproco e estratégico em aumentar o intercâmbio econômico e comercial com o Brasil. Como exemplo podemos citar ações de importantes países da Ásia-Pacífico, como o caso do governo japonês, que encomendou à *Japan External Trade Organization* (JETRO) um estudo com o objetivo de averiguar a possibilidade da China em deslocar o Japão como principal parceiro diplomático do Brasil na Ásia. Neste sentido, a China demonstrou seu interesse em aumentar as relações diplomáticas com o Brasil ao permitir o envio ao Brasil de um importante acervo histórico e cultural como os guerreiros de Xian, que foram expostos em São Paulo no 1º semestre de 2003. Em relação à Coreia do Sul, os empresários deste país se comprometeram a visitar a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP) pelo menos uma vez ao ano.

O Japão é um tradicional importador de produtos primários do Brasil, possui importantes investimentos nas áreas de mineração e celulose. Apesar de sua crise financeira durar mais de uma década, sua alta renda per capita de US\$ 39.990 (Banco Mundial, 2002), permite que o país se constitua um grande mercado para produtos agrícolas de maior valor agregado como o café (é o quarto maior consumidor mundial deste produto, atrás dos EUA, Brasil e Alemanha).

A Coréia do Sul, colônia japonesa no período de 1910 até o final da Segunda Guerra Mundial, possui uma relação comercial com o Brasil semelhante à japonesa, com importações de produtos primários e exportações de produtos com alto conteúdo tecnológico como semicondutores eletrônicos. Com um desenvolvimento econômico mais recente que a japonesa, a economia coreana tomou grande impulso na década de 70, como a brasileira, apesar de terem escolhidos meios diferentes para alcançar as altas taxas de crescimento econômico nesta década. Ao contrário do Brasil, a Coréia do Sul baseou-se no mercado externo e no empresariado nacional privado para alcançar seu alto grau de competitividade; paralelamente, ocorreu um rápido crescimento de seu Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) como consequência de sua política educacional.

A China possui uma área agrícola inferior à brasileira, mas uma população de cerca de sete vezes a do Brasil. A decisão de abrir a economia chinesa começou com as reformas de Deng Xiaoping em 1979, sendo que quatro anos depois, a China iniciou um processo gradual de abertura de mercado, com amplo controle do governo. Este regime ficou conhecido como economia de mercado socialista. Para tornar a administração pública mais competitiva, Beijing (Pequim), capital do país, está descentralizando a administração do Estado, delegando às províncias e aos distritos uma maior autonomia para suas decisões.

A constante modernização do gerenciamento comercial dos produtos agrícolas implica um maior grau de competitividade em todos os elos da cadeia agroindustrial para alcançar os mercados citados. Apesar do baixo custo de produção dos produtos agrícolas em relação aos outros países (custos dentro da porteira), os altos custos na logística do produto ainda são significativos (custos pós-porteira). Caixeta Filho (2003)¹ relata as mudanças na logística brasileira através de novas rotas de transporte, com destaque para o transporte intermodal, que tem trazido significativas reduções no frete dos produtos.

Grande parte das novas rotas está sendo financiada pela iniciativa privada, como no caso do escoamento da soja pela hidrovia do Rio Madeira, onde o Grupo Maggi investiu na construção do terminal de Itacoatiara (AM) para o armazenamento dos produtos. Outro investimento privado está sendo feito pela Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), tradicional companhia de mineração, que se aproveitando do potencial logístico que possui

¹ CAIXETA FILHO, J.V. (ESALQ/USP. Transporte e Logística na Agricultura Brasileira, Piracicaba). Palestra, 2003.

e do potencial da nova fronteira agrícola dos estados do Tocantins (TO) e Maranhão (MA), está escoando a produção agrícola pelo porto de Itaqui (MA). Em julho de 2001, a CVRD concluiu o trecho maranhense da ferrovia Norte-Sul que compreende uma distância de 226 km, ligando as cidades de Estreito e de Açailândia. Desta cidade a Norte-Sul se interliga com a Estrada de Ferro Carajás (EFC), que possui uma distância de 566 km até o Terminal Portuário de Ponta da Madeira, no porto de Itaqui em São Luís (Gazeta Mercantil, 30/09/2002).

Para o escoamento da produção com saídas para o porto de Santos, a Brasil Ferrovias (holding controladora da Ferronorte, Ferroban, Novoeste e Portofer) deverá prolongar suas estradas férreas em direção ao Mato Grosso até Rondonópolis (Agência Estado, set/02).

Estas novas alternativas para o escoamento da produção agrícola brasileira têm contribuído para a redução dos fretes para os produtos agrícolas. Para as saídas pelo Oceano Pacífico, o Expresso Araçatuba iniciou o Projeto Pacífico em 1995, realizando caravanas para levantamento de dados. Ao longo de seis anos do Projeto Pacífico, os veículos e equipes do Expresso Araçatuba percorreram mais de 200 mil quilômetros para realizar as viagens exploratórias. Como resultado verificou-se que os fretes para a Ásia-Pacífico podem cair significativamente se utilizados os portos do Pacífico, possibilitado aumentar a competitividade das exportações brasileiras.

Os resultados do Projeto Pacífico demonstram redução de tempo e de frete. A Tabela 1 evidencia os ganhos em termos de distância para o escoamento de produtos de Porto Velho (RO) para Yokohama, caso se utilize a rota pelo Pacífico. Esta diferença possibilita um ganho aproximado de 13 dias. Nos fretes marítimos, o valor do frete de Santos/Kobe saída pelo Atlântico contabilizaria US\$ 4500 e de Iquique/Kobe (saída pelo Pacífico) US\$ 3400, o que representaria uma economia de aproximadamente 32%.

Tabela 1: Distâncias percorridas por diferentes rotas com destino a Yokohama.

Rota por Santos	Distância	Rota pelo Pacífico	Distância	Diferença
Porto Velho – Santos	3142 Km	Porto Velho – Iquique	2039 Km	1103 Km
Santos – Yokohama	12194 milhas	Iquique – Yokohama	8480 milhas	3714 milhas

Fonte: Expresso Araçatuba (2003).

A empresa estabeleceu rotas entre São Paulo e Buenos Aires (Argentina), São Paulo e Santa Cruz (Bolívia), e São Paulo e Lima (Peru), sendo esta a primeira rota regular rodoviária brasileira até Lima.

Apesar do estudo já realizado apontar vantagens econômicas para escoar os produtos brasileiros em direção à Ásia-Pacífico, nota-se que estão ocorrendo mudanças significativas nos custos portuários brasileiros. O porto de Santos apresentava um custo de movimentação de contêiner próximo a US\$ 600 em 1995 (CNI *apud* Caixeta Filho, 2002²) tendo caído para cerca de US\$ 250 em 1999 (Gazeta Mercantil *apud* Caixeta Filho, 2002³). Este aumento de competitividade pode ser explicado tanto pela maior autonomia do Órgão Gestor de Mão-de-Obra (OGMO)⁴, que permite maior flexibilização da mão-de-obra utilizada na estiva pelos armadores, quanto pelo investimento em novas tecnologias e equipamentos de movimentação portuária.

As novas rotas de escoamento para os produtos da fronteira agrícola e o aumento da competitividade portuária brasileira (seja por diminuição dos custos portuários, seja por maior integração intermodal através da hidrovía do Tietê e do prolongamento da linha férrea até Cuiabá em 2005 pela Brasil Ferrovias), possibilitam maior movimentação aos produtos do agronegócio brasileiro, deixando as saídas para o Pacífico com menor potencial de escoamento. Outro ponto negativo é o alto investimento que deve haver para estas saídas, de magnitude para empresas multinacionais (Caixeta Filho, 2003⁵).

1.1. Objetivos

O objetivo do trabalho é identificar as possíveis saídas do café verde brasileiro utilizando portos do Oceano Pacífico. Mais especificamente:

- deverão ser indicadas as possíveis rotas de saída para o Pacífico;

² CAIXETA FILHO, J.V. (ESALQ/USP. Transporte e Logística no Sistema Agroindustrial, Piracicaba). Anotações de aula, 2002.

³ CAIXETA FILHO, J.V. (ESALQ/USP. Transporte e Logística no Sistema Agroindustrial, Piracicaba). Anotações de aula, 2002.

⁴ O OGMO tem como principais objetivos cadastrar, registrar e treinar a mão-de-obra dos trabalhadores portuários; administrar o fornecimento de mão-de-obra para os operadores portuários; estabelecer o número de vagas; arrecadar junto aos operadores a remuneração devida aos trabalhadores (Lei 8.630/93).

⁵ CAIXETA FILHO, J.V. (ESALQ/USP. Transporte e Logística na Agricultura Brasileira, Piracicaba). Palestra, 2003.

- deverão ser descritos os principais portos para o escoamento do café verde pelo Oceano Pacífico;
- deverão ser apontados os principais portos de recebimento do café verde em países asiáticos específicos (Japão, China, Coreia do Sul).

1.2. Estrutura do trabalho

O capítulo 2 do trabalho analisa o mercado internacional de café, relatando os mecanismos públicos e privados para a valorização do produto na última década, o mapeamento e descrição das principais zonas de produção, o levantamento dos postos aduaneiros e os principais mercados importadores. No capítulo 3 analisam-se as possíveis rotas de escoamento do café verde brasileiro pelo Pacífico. Nas Considerações Finais serão expostas as vantagens e limitações dessas rotas.

2. REVISÃO DE LITERATURA

O primeiro tópico deste capítulo aborda a classificação do café beneficiado. O tópico seguinte retrata as principais variáveis econômicas de uma análise fundamentalista⁶ do mercado de café. A análise estará focada sobre o mercado internacional de café verde, pois este possui maior representatividade nas exportações brasileiras. O tópico 2.3 descreve as principais regiões produtoras de café e o tópico 2.4 relata os principais países importadores de café, dando destaque ao mercado japonês. O tópico 2.5 trata de mercados asiáticos que não possuem grande consumo de café, mas devido à sua importância geopolítica e à sua potencialidade de consumo serão retratados em nosso estudo. O próximo tópico aborda a comercialização do café verde no Brasil, principalmente no âmbito logístico. No tópico 2.7 são documentados os postos aduaneiros das regiões produtoras de café, também conhecidas como Estações Aduaneiras do Interior (EADIs) ou *dry ports*, que têm como objetivo de facilitar o desembaraço aduaneiro em locais que não necessariamente estão próximos aos portos.

2.1. Classificação do café

De acordo com a Instrução Normativa nº 8, de 11 de junho de 2003, o café beneficiado é classificado em Categoria, Subcategoria, Grupo, Subgrupo, Classe e Tipo, a partir de uma amostra de 300 g de café beneficiado.

De acordo com a Categoria, o café é classificado em *Coffea arabica* ou *Coffea canephora*. Em relação à Subcategoria, o café beneficiado pode ser:

- Chato: constituída de grãos com superfície dorsal convexa e a ventral plana ou ligeiramente côncava, com a ranhura central no sentido longitudinal, podendo ser graúdo (peneiras 19/18 e 17), médio (peneiras 16 e 15) ou miúdo (peneira 14 e menores);

⁶ A análise fundamentalista trata da formação dos preços através das variáveis que determinam a oferta e das variáveis que determinam a demanda. No caso do café poderíamos citar a produção mundial, as exportações, as importações e os estoques como importantes variáveis econômicas que determinam a oferta de café. No lado da demanda, a renda *per capita* é considerada como uma importante variável.

- Moca: constituída de grãos com formato ovóide, também com ranhura central no sentido longitudinal, podendo ser graúdo (peneiras 13/12 e 11), médio (peneira 10) ou miúdo (peneira 9 e menores).

Em relação ao Grupo, o café beneficiado é classificado em Arábica ou Robusta, sendo que a classificação por Subgrupo é realizada de acordo com o tipo de bebida, mediante à “Prova de Xícara” realizada por degustadores treinados. Assim, temos:

- Grupo I - Arábica. Subgrupos:
 - Estritamente mole: gosto doce e muito suave;
 - Mole: gosto doce suave;
 - Apenas mole: gosto suave;
 - Duro: gosto áspero;
 - Riado: leve sabor de iodofórmio;
 - Rio: gosto áspero lembrando iodofórmio;
 - Rio Zona: café que apresenta aroma e sabor muito acentuado, assemelhado ao iodofórmio ou ao ácido fênico, sendo repugnante ao paladar.
- Grupo II - Robusta. Subgrupos:
 - Excelente: café que apresenta sabor neutro e acidez mediana;
 - Boa: café que apresenta sabor neutro e ligeira acidez;
 - Regular: café que apresenta sabor típico de robusta sem acidez;
 - Anormal: café que apresenta sabor não característico ao produto.

A classificação por Classe é realizada de acordo com a coloração do grão, envolvendo um total de oito classes:

- Verde Azulado e Verde Cana: cores características do café despulpado ou degomado;
- Verde: café que apresenta grão de coloração verde e suas nuances;
- Amarelada: café que apresenta grão de coloração amarelada, indicando sinais de envelhecimento do produto;

- Amarela;
- Marrom;
- Chumbado;
- Esbranquiçada;
- Discrepante: mistura de cores oriundas de ligas de safras ou cores diferentes.

A classificação por Tipo baseia-se no percentual de defeitos e impurezas, conforme mostram as Tabelas 2 e 3. A classificação do café beneficiado quanto à equivalência de defeitos corresponde aos defeitos intrínsecos do café, tais como os grãos quebrados; a classificação do café beneficiado quanto à equivalência de impurezas diz respeito aos defeitos extrínsecos do café, tais como paus, pedras e torrões.

Tabela 2 : Classificação do café beneficiado quanto à equivalência de defeitos.

Defeitos	Quantidade	Equivalência em defeitos
Grão Preto	1	1
Grãos Ardidos	2	1
Conchas	3	1
Grãos Verdes	5	1
Grãos Quebrados	5	1
Grãos Brocados	2 a 5	1
Grãos Mal Granados ou Chochos	5	1

Fonte: MAPA (2003).

Na classificação do café beneficiado quanto à equivalência de defeitos, temos o Grão Preto como principal defeito, sendo os Grãos Ardidos e Brocados considerados defeitos secundários.

Tabela 3: Classificação do café beneficiado quanto à equivalência de impurezas.

Impurezas	Quantidade	Equivalência em defeitos
Coco	1	1
Marinheiros	2	1
Pau, Pedra, Torrão Grande	1	5
Pau, Pedra, Torrão Regular	1	2
Pau, Pedra, Torrão Pequeno	1	1
Casca Grande	1	1
Casca Pequena	2 a 3	1

Fonte: MAPA (2003).

As impurezas Pau, Pedra, Torrão Grandes; Pau, Pedra, Torrão Regulares; e Pau, Pedra, Torrão Pequenos correspondem às dimensões aproximadas da Peneira Grão Chato de 18/19/20, da Peneira Grão Chato de 15/16/17 e Grão Chato de 14 abaixo, respectivamente. As Cascas correspondem ao tamanho aproximado do Café em Coco.

A soma da equivalência em defeitos das Tabelas 2 e 3 determinam o Tipo de café (Tabela 4).

Tabela 4: Classificação do café beneficiado em função do defeito/tipo.

Defeitos	Tipos	Pontos
4	2	+100
12	3	+ 50
26	4	Base
46	5	50
86	6	100
160	7	150
360	8	200
>360	Fora de Tipo	

Fonte: MAPA (2003).

A Bolsa de Mercadorias & Futuros (BM&F) negocia dois tipos de contratos de café. No Contrato Futuro de Café Arábica, o café deve ser em grão, de produção brasileira, tipo 6 ou melhor e de bebida dura ou melhor. Outro tipo de contrato de café é o Contrato Futuro de Café Robusta Conillon, onde o café deve ser em grão, de produção brasileira e de tipo 6 ou melhor.

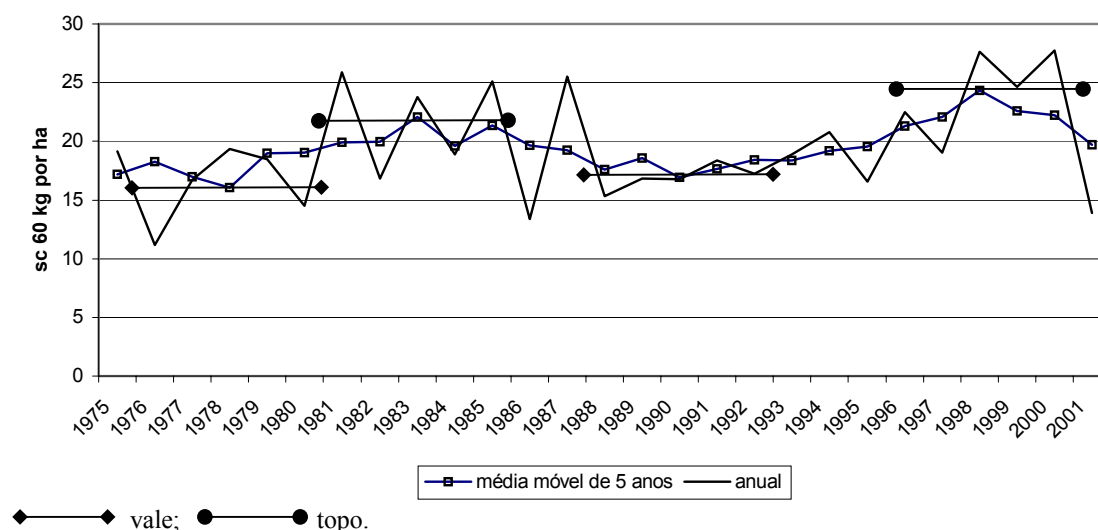
2.2. Tendências do agronegócio do café

A produção agrícola brasileira tem apresentado recordes na produção de grãos. Apesar do aumento da fronteira agrícola, foi o aumento da produtividade que proporcionou estes recordes. Além dos grãos, outras culturas apresentaram crescimento de sua produção, tais como os setores citrícola e sucroalcooleiro.

No caso do café, o aumento da produtividade foi proporcionado por inovações tecnológicas como o uso das colheitadeiras nas lavouras, que proporcionam escala para este tipo de máquina, e de técnicas de cultivo intensivo nas regiões mais propícias às geadas, tal como o norte do Paraná.

Outros destaques tecnológicos são a fertirrigação nas regiões de déficit hídrico como algumas áreas do cerrado mineiro e baiano e a introdução de uma nova forma de beneficiamento que resulta no café “cereja descascado”⁷ (Saes & Nakazone, 2002).

As variações na produtividade do café estão relacionadas à sua característica de cultura de ciclo bianual, além de fatores como geadas e secas que podem atrasar a florada e prejudicar a produção. A Figura 1 demonstra o aumento da produtividade da lavoura cafeeira entre as décadas de 70 e 90, utilizando-se para tal a média móvel de 5 anos para analisar o aumento da produtividade da lavoura do café. O aumento na produtividade pode ser notado através do aumento dos topos e vales da Figura 1. Nos topos os valores correspondem a 22,1 e 24,3 sacas de 60 kg por hectare para os anos de 1983 e 1998, respectivamente. No caso dos vales, os valores correspondem a 16,1 e 16,8, para os anos de 1978 e 1990, respectivamente.



Fonte: Elaborado a partir de dados do IBGE (2003) *apud* FGV (2003).

Figura 1: Produtividade da lavoura do café – 1975 a 2001 (sc 60 kg por ha).

Dentro das principais culturas agrícolas de exportação, o café possui maior tradição nas exportações brasileiras. No campo econômico e político, esta cultura é precursora de

⁷ Nestes casos se prevê o aumento nos custos de produção devido à cobrança futura do uso da água pelos Estados. No beneficiamento do café cereja descascado há mais um agravante que é a contaminação da água por este processo.

políticas de valorização de seu preços, como no caso do Tratado de Taubaté (1906)⁸. Outro acontecimento adveio da crise de 1929, quando o presidente Getúlio Vargas, no início da década de 30, sabendo a importância do produto na economia, continuou esta política de valorização da República café-com-leite, o que acabou por acarretar a queima do excesso de produção (sendo que neste caso proibiu-se também o aumento da lavoura). Este estímulo keynesiano ajudou o Brasil a sair mais rapidamente da crise em relação aos outros países.

Um caso mais recente e amplo de valorização do café ocorreu em 2000. A Organização Internacional do Café, liderada pelo Brasil, decidiu por uma política de valorização do café, segurando a produção e aumentando os estoques. Apenas o Brasil e a Colômbia cumpriram o acordo; assim, a participação brasileira nas exportações mundial caiu. Na contramão o Vietnã, com uma agricultura doméstica de baixo custo, já se apresenta como segundo maior exportador mundial, sendo que em 1991, ano de ingresso desse país na Organização Internacional do Café (OIC), ocupava a 16^o posição exportando 1,2 milhões de sacas de 60 kg de café verde.

Atualmente, as políticas de valorização estão baseadas na restrição da comercialização de grãos de baixa qualidade, que representam 5% a 10% da produção mundial, estimada em 122 milhões de sacas de 60 kg. Esta medida de contenção da oferta é devido à resolução 407 da OIC que estabelece padrões mínimos para a comercialização do café. Segundo Nathan Herszkowics, diretor da Associação Brasileira da Indústria do Café (ABIC), não haverá compra de café abaixo do tipo 8 pelas indústrias. Para garantir este objetivo, o controle da qualidade seria realizado por laboratórios e auditores, além da utilização de sensores de paladar desenvolvidos pela Embrapa (Valor Econômico, 28/05/03).

Outras ferramentas para reduzir a volatilidade dos preços poderiam envolver o uso mais intensivo de mecanismos de gestão de riscos (futuros e opções). Para Junguito (2001), este instrumento é mais adequado que a estabilização dos preços mediante mecanismos de cotas e margens de preços, como ocorreu em alguns Convênios Internacionais do Café no passado. Entretanto, os fundos nacionais de estabilização, tal como o *Fundo Cafeeiro Nacional da Colômbia*, poderiam ter uma função positiva a desempenhar.

⁸ O Tratado de Taubaté foi firmado entre os cafeicultores do Vale do Paraíba, sul de Minas e interior de São Paulo, sendo que apenas as regiões cafeicultoras paulistas reduziram sua produção (Furtado, 2000).

No Brasil, o Funcafé (Fundo de Defesa da Cafeicultura) foi formado por recursos procedentes de cotas de contribuição sobre exportações de café, destinados a financiar desde operações de capital de giro até pesquisas e *marketing* interno e externo (BNDES, 1999 *apud* Bartholomeu & Caixeta Filho, 2000).

O Funcafé foi criado em 1986, sendo administrado pelo extinto IBC até 1990, e a partir de então, foram geridos pelo Ministério da Indústria, Comércio e Turismo (MICT).

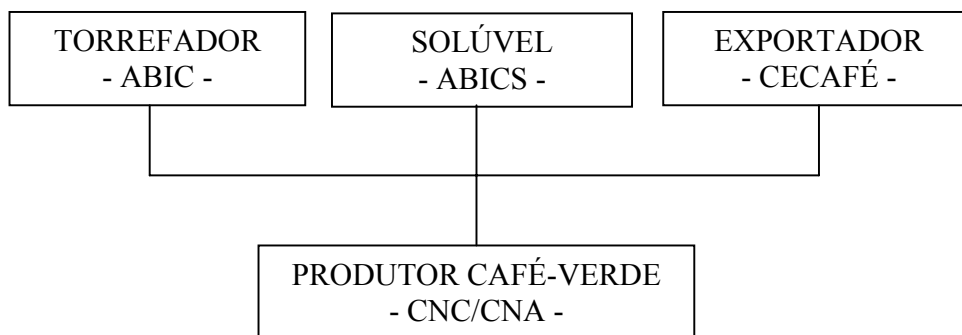
Com a criação do Conselho Deliberativo da Política Cafeeira (CDPC) em outubro de 1996, os recursos do Funcafé passaram a ser administrados por esse conselho. O Funcafé obteve uma participação média de 4% nos anos de 1997 a 2000 entre os financiamentos relacionados ao crédito rural (Tabela 5).

Tabela 5: Financiamentos concedidos por fonte – 1994 a 2000 (R\$ milhões).

FONTE	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000
Tesouro Nacional	2.418,5	1.276,8	219,0	148,1	185,4	13,7	2,6
Recursos Obrigatórios (MCR 6.2)	1.035,1	851,6	1.062,4	4.417,4	4.538,5	4.887,7	7.137,5
Poupança Rural	3.113,6	2.337,7	574,8	828,7	1.450,2	2.218,9	1.976,1
Recursos Livres	1.421,5	1.056,5	507,7	591,8	522,4	581,3	651,8
Fundos Constitucionais	445,6	583,7	937,5	555,0	1.039,1	914,5	806,4
FAT - Fundo de Amparo ao Trabalhador	-	-	1.383,7	1.813,2	1.946,7	1.931,7	1.751,1
FAE - Fundo Extra Mercado	-	-	876,5	655,1	124,5	0,3	0,3
FUNCAFÉ	-	-	-	354,5	617,3	571,4	296,3
BNDES/ FINAME	-	-	-	332,6	516,8	595,9	779,6
INCRA/ PROCERA	-	-	-	45,6	124,3	37,4	4,3
Outras Fontes	464,6	352,2	715,4	97,5	378,6	239,3	373,6
TOTAL	8.898,9	6.458,5	6.277,0	9.839,5	11.443,8	11.992,1	13.779,5

Fonte: Banco Central do Brasil *apud* MAPA (2002).

O CDPC tem o objetivo de agregar todas as entidades representativas do agronegócio do café. As organizações que representam o agronegócio do café são: Confederação Nacional da Agricultura (CNA) e Conselho Nacional do Café (CNC), que representam o segmento de produção; Associação Brasileira da Indústria do Café (ABIC), que representa a indústria de torrefação e moagem, Associação Brasileira da Indústria de Café Solúvel (ABICS), que representa a indústria de solúvel e o Conselho dos Exportadores de café verde do Brasil (CECAFÉ), que representa os exportadores (Figura 2).



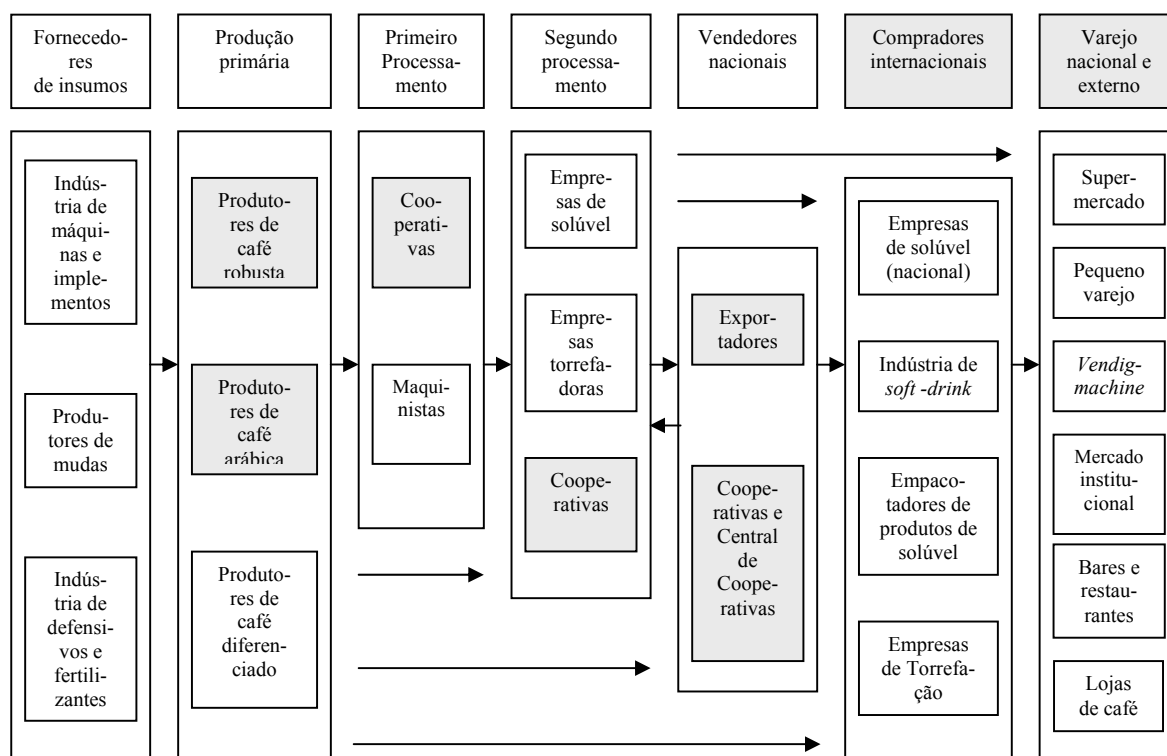
Fonte: Saes & Nakazone (2002).

Figura 2: Organizações representativas do agronegócio do café.

Em relação às políticas relacionadas aos produtores rurais, o CDPC estuda a inclusão do café na Política Geral de Preços Mínimos (PGPM), e outros instrumentos estabilizadores como contratos com opções de venda e formação de estoques reguladores. Para financiar a colheita da safra 2003/04, espera-se a liberalização de R\$ 300 milhões a 400 milhões do Funcafé. Outro objetivo do MAPA, em especial da Secretaria de Produção e Comercialização (SPC), é elevar o baixo consumo interno de 14 milhões de sacas, que poderão advir de programas como o Fome Zero através do consumo de café na merenda escolar.

2.2.1. Sistema Agroindustrial do Café

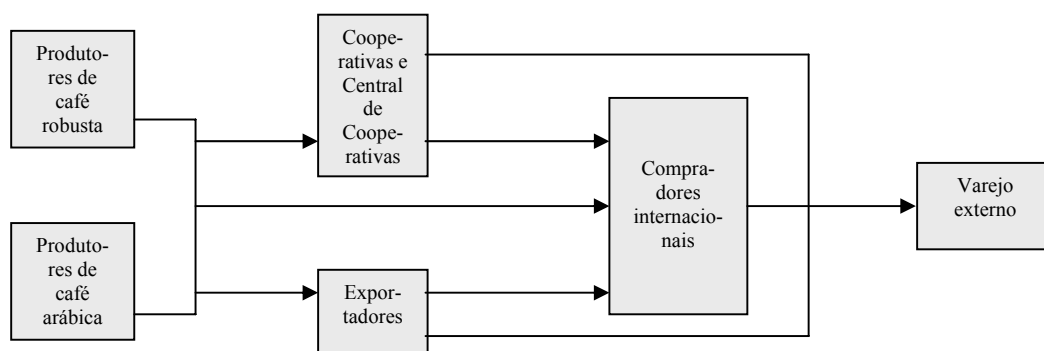
O agronegócio do café conta com cerca de 1.700 indústrias de torrefação e moagem, 11 indústrias de café solúvel, 150 empresas exportadoras, além de cooperativas, maquinistas e corretores que atuam no mercado diariamente efetuando negócios com café. O comércio mundial de café gera recursos na ordem de 12 a 13 bilhões de dólares anualmente, sendo o primeiro produto agroindustrial em movimentação de dinheiro e o segundo do mundo, perdendo internacionalmente apenas para o petróleo (Pedroso, 2003). A Figura 3 apresenta o Sistema Agroindustrial do Café, representando os agentes do agronegócio citados anteriormente.



Fonte: Saes & Nakazone (2002).

Figura 3: Diagrama do sistema agroindustrial do café do Brasil.

Os diagramas em destaque verde na Figura 3 possuem relação direta com o tema do estudo⁹. Um novo diagrama mais simplificado poderia ser descrito conforme Figura 4.



Fonte: Diagrama baseado em Saes & Nakazone (2002).

Figura 4: Diagrama simplificado do SAG do café visando às exportações de café verde para o mercado asiático.

⁹ Em relação aos estudos mais detalhados sobre o Sistema Agroindustrial do Café do Brasil, ver Saes (1999 e 2002).

Em relação à produção primária, a seção 2.3 descreverá as principais regiões produtoras do Brasil.

As cooperativas possuem os objetivos de proporcionar melhores preços devido ao aumento do poder de barganha ao se negociar maior volume do produto e ao aumento do valor agregado do produto, possibilitado por investimentos causados pelo ganho de escala. No setor cafeeiro podemos citar a Cooperativa Regional de Cafeicultores em Guaxupé Ltda (COOXUPE). Outras cooperativas que atuam no mercado asiático estudado são citadas na Tabela 6.

Tabela 6: Cooperativas que exportam para os mercados estudados (2001).

Cooperativa	Japão	Coréia do Sul	China
Cooperativa dos Cafeicultores da Região de Garça	SIM	NÃO	NÃO
COOXUPE	SIM	SIM	NÃO
Cooperativa dos Cafeicultores do Cerrado	SIM	NÃO	NÃO
Cooperativa Regional dos Cafeicultores de Poços de Caldas	SIM	NÃO	NÃO
Cooperativa de Cafeicultores e Agropecuaristas	SIM	NÃO	NÃO

Fonte: MDIC (2003).

Os exportadores que atuam no mercado de café verde podem ser corretores e torrefadoras. No caso da venda de café verde para a Ásia, muitas *traders* japonesas instalaram filiais no Brasil. Os Anexos 1, 2 e 3 relatam as empresas exportadoras de café verde do Brasil para o Japão, Coréia do Sul e China, respectivamente.

Os compradores internacionais são as grandes torrefadoras e os grandes *dealers* que atuam no mercado de forma oligopsonista e oligopolista (Tabela 7). O Índice de Concentração das cinco maiores torrefadoras (C5) chegou a 52, e o C5 das compras internacionais dos *dealers* chegou a 45. A seção 2.2.3 irá relacionar o Índice de Concentração destes agentes em relação aos preços pagos aos produtores e aos preços do café no varejo dos países importadores.

Tabela 7: Participação das torrefadoras e *dealers* internacionais – 1996 (em milhões de scs).

Torrefadoras	Volume	%	Dealers	Volume	%
Nestlé	12,5	16,9	Neumann/Rothfos	10,5	14,0
Philipp Morris	12,0	16,2	Volcafé	9,2	12,3
Sarah Lee	5,5	7,4	Cargill	5,5	7,4
P + G (Folger)	4,5	6,1	Esteve	5,5	7,4
Tchibo (Eduscho)	4,0	5,4	E. D.n & Man/Mercon	3,0	4,0
Subtotal	38,5	52,0	Subtotal	33,7	45,1
Total	74,0	100,00	Total	74,8	100,0

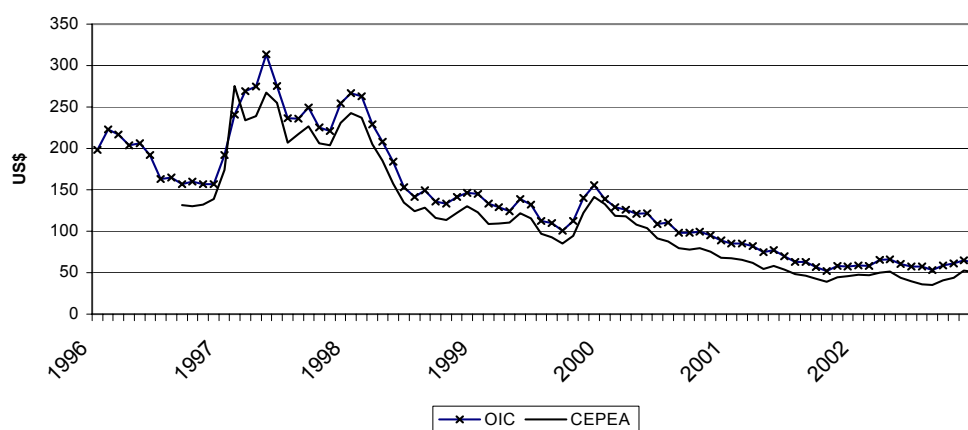
Fonte: Volcafé Ltda *apud Coffee Business apud Saes & Farina* (1999).

O varejo externo, em especial do Japão, será retratado na seção 2.4.1.

2.2.2. Preços e Consumo Nacional

Nos últimos três anos, o pequeno aumento de 1,5% por ano na demanda, e o aumento de 3,6% por ano na oferta, prejudicaram a estabilização da cotação do café.

Este desajuste na oferta e na demanda mundial se reflete nos indicadores de preço da OIC e do CEPEA/ESALQ. O indicador de preços de café brasileiro da OIC foi cotado em US\$ 313,71 por saca de 60 kg em maio de 1997, mas a tendência de queda foi permanente chegando a US\$ 52,11 em outubro de 2001 (Figura 5).



Fonte: elaborado a partir de dados da OIC (2003) e CEPEA (2003).

Figura 5: Médias mensais do Indicador de Preços OIC e CEPEA - deflacionado (US\$ por sc 60 kg). Deflator: IPC-EUA.

Apesar de o Brasil ser o 2º maior consumidor mundial, seu consumo *per capita* é baixo, sendo o 14º do mundo. O café é uma bebida sazonal, com um aumento de consumo no inverno, e de elasticidade-renda positiva. O consumo de café está concentrado na região sudeste e sul, sendo que o Distrito Federal possui o maior consumo *per capita* do Brasil. Outro dado desta bebida é o modo de seu consumo: 93,7% do consumo no ano de 2001 foi realizado na forma torrado e moído (Tabela 8).

Tabela 8: Consumo de café no Brasil – 2001.

Estado	Consumo (sc 60 kg)	Participação (%)	Consumo per Capita (kg/hab)
SP	4.656.303	35,78	7,54
RJ	1.379.802	10,60	5,75
MG	1.224.621	9,41	4,11
RS	958.380	7,36	5,64
PR	892.734	6,86	5,60
BA	581.939	4,47	2,67
SC	438.609	3,37	4,91
PE	323.789	2,49	2,45
DF	308.011	2,37	9,01
Outros	2.249.076	17,28	2,58
<hr/>			
Total do consumo de café torrado e moído	13.013.264	100	4,60
<hr/>			
Ttal do consumo de café solúvel	631.150		0,22

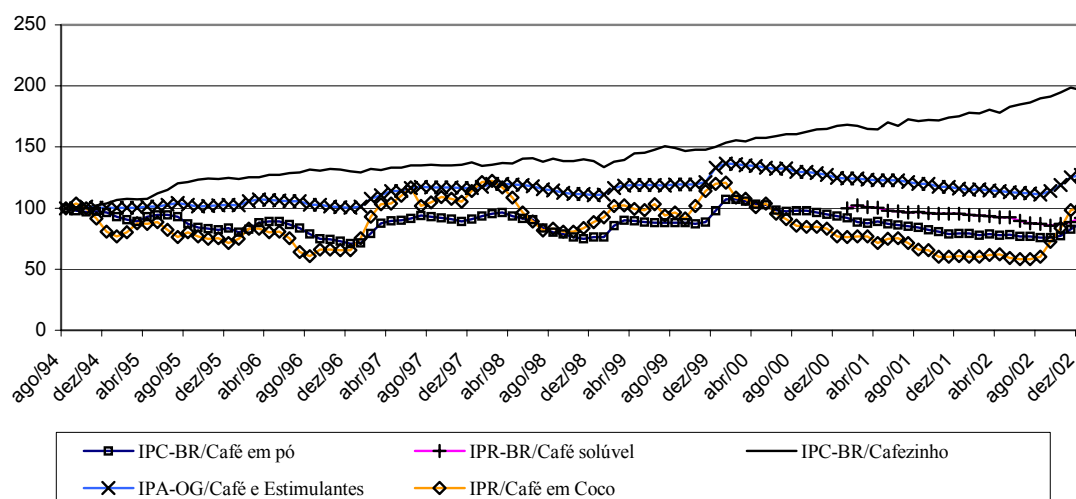
Fonte: Abic (2002).

Em relação ao segmento de café expresso, o grande crescimento ocorreu em 1995 com a expansão das lojas do Café do Ponto (controlada pela multinacional americana Sara Lee desde 1998). O consumo brasileiro de café expresso é estimado em 300 mil sacas por ano, tendo potencial de ser triplicado até 2005. Este segmento apresenta o maior crescimento entre os negócios que envolvem o café no Brasil. O mercado de São Paulo concentra 60% dos milhares de "cafezinhos" consumidos no País, obtendo taxas de crescimento de 30% ao ano nas cafeterias e de 10% nos bares, restaurantes e empresas, o que colocará o consumo em 280 milhões de xícaras no ano de 2003. Em sacas, o consumo de café expresso equivale a 2,5% das 13 milhões de sacas consumidas todo ano no Brasil. A Rede Fran's Café, que recebe aproximadamente 50 mil consumidores por dia, tem a estratégia de oferecer produtos de alto valor agregado, além de disponibilizar estrutura diferenciada como espaço amplo, mesas, revistaria e internet. A Fran's Café obteve uma

comercialização média de 600 mil xícaras de café expresso nos primeiros meses de 2003, obtendo crescimento de 10% em relação a 2002 (Gazeta Mercantil, 29/05/03).

Outras empresas estão investindo em *coffee shops* como a Rede McDonald's, que criou o McCafé no Brasil, nova cafeteria que já possui 41 lojas, localizadas principalmente nas capitais dos quatro maiores Estados consumidores (SP, RJ, MG e RS).

A demanda por cafés de qualidade pode ser observada no aumento dos preços do IPC-BR/Cafezinho. Outros índices ligados à cadeia do café não obtiveram o mesmo desempenho. O Índice de Preços ao Consumidor do Café em pó e o Índice de Preços Recebidos do Café em Coco terminaram o ano 2002 com seus índices próximos a 100, mas a maior parte do período ago/1994 a dez/2002, estiveram abaixo desse valor. O Índice de Preços ao Atacado do Café e Estimulantes apresentou um desempenho intermediário, indicando tendência de alta ao longo do período (Figura 6).



Fonte: FGV (2003).

Figura 6: Indicadores de Preço do Café (Base ago/1994=100).

Outros tipos de café vêm apresentando crescimento no consumo, mas ainda possuem pouca representatividade, como no caso do café orgânico, do café descafeinado e dos cafés tipo gourmet e tipo superior¹⁰.

¹⁰ Em relação à composição dos *blends*, os cafés podem ser classificados em: a) Gourmet (bebida estritamente mole/mole, 100% arábica, 0% de defeito – preto, verde e ardido); b) Superior (bebida mole/dura, até 15% de robusta, com até 10% de pretos, verdes e ardidos); c) Tradicional (bebida dura/riada/rio, até 30%

Relacionando bons preços e especificidade, o café deve ter boa bebida, ser suave, ter bom aroma e bom corpo, ser de peneiras altas, possuir poucos defeitos, ter pouca umidade e apresentar aspectos uniformes. Além das qualidades intrínsecas do café, a venda do produto processado confere maior preço, como no caso da comercialização do café já descascado ao invés do café em coco (Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, Câmara Setorial do Café, 2003).

2.2.3. Exportações

O Brasil continua sendo o maior exportador mundial de café verde, sendo este desempenho relacionado aos baixos custos de produção de café arábica em relação aos outros países produtores. No caso do café robusta, o Vietnã, o segundo maior produtor mundial, supera a produtividade média brasileira, devido ao seu sistema intensivo de cultivo. O Brasil é tido como um fornecedor de quantidade¹¹, ao contrário da Colômbia, Guatemala, Costa Rica e Quênia, que investem na imagem e qualidade, possibilitando cafés mais valorizados e o recebimento de um “prêmio” por essa qualidade (Saes & Nakazone, 2002).

A Tabela 9 relaciona a qualidade do café, os meses de colheita e o volume de café produzido. A participação do Brasil na produção mundial de café passou de 23,7% em 1997 para 39,8% em 2002. Outros países acompanharam o aumento da produção mundial, mas não obtiveram grandes aumentos em sua participação relativa, como nos casos do Vietnã e de Uganda: a participação do Vietnã nos anos citados foi de 7,2% e de 7,3%, respectivamente; e para Uganda, estes valores representaram 2,7% e 2,8%, respectivamente.

de robusta, 25% de preto, verde e ardido); d) Popular/Combate (sem atributo de qualidade) (Saes & Nakazone, 2002).

¹¹ O café brasileiro é conhecido como tipo “Santos”, tendo a imagem de ser um grande produtor de um único tipo de café (Saes & Nakazone, 2002).

Tabela 9: Produção dos principais países exportadores – 1997 a 2002 (em milhares de scs).

	Qualidade do café	1997	1998	1999	2000	2001	2002
TOTAL		96.213	106.045	114.719	111.543	110.168	118.782
<i>Colheita Abr-Mar</i>		<i>36.270</i>	<i>49.737</i>	<i>44.709</i>	<i>44.845</i>	<i>47.664</i>	<i>59.516</i>
Brasil	(ANL/R)	22.758	34.650	32.345	32.204	34.300	47.265
Indonésia	(R/AS)	7.759	8.458	5.432	6.733	7.651	5.830
Outros		5.753	6.629	6.932	5.908	5.713	6.421
<i>Colheita Jul-Jun</i>		<i>3.278</i>	<i>2.627</i>	<i>3.061</i>	<i>2.867</i>	<i>2.617</i>	<i>3.176</i>
Tanzânia	(AS/R)	624	739	837	827	677	917
Outros		2.654	1.888	2.224	2.040	1.940	2.259
<i>Colheita Out-Set</i>		<i>56.665</i>	<i>53.681</i>	<i>66.949</i>	<i>63.831</i>	<i>59.887</i>	<i>56.090</i>
Colômbia	(AS)	12.211	11.024	9.398	10.532	11.950	11.250
Costa Rica	(AS)	2.500	2.350	2.404	2.246	2.165	2.200
C. do Marfim	(R)	4.164	1.991	6.321	4.333	3.447	4.000
Etiópia	(ANL)	2.916	2.745	3.505	2.768	3.756	3.750
Guatemala	(AS/R)	4.219	4.893	5.185	4.679	3.605	3.802
Honduras	(AS)	2.564	2.195	2.985	2.667	3.036	2.500
Índia	(AS/R)	4.729	4.372	5.457	4.516	4.942	4.667
México	(AS/R)	4.802	4.801	6.219	4.815	4.325	4.000
Uganda	(R/AS)	2.552	3.298	3.097	3.205	3.250	3.215
Vietnã	(R/AS)	6.915	6.972	11.648	14.775	12.250	8.667
Outros		9.093	9.040	10.730	9.295	7.161	8.039

(AS) Arábica Suave. (ANL) Arábica Não Lavado. (R) Robusta. (AS/R) Ambas quantidades com predomínio de Arábica Suave. (ANL/R) Ambas qualidades com predomínio de Arábica Não Lavado. (R/AS) Ambas qualidades com predomínio de Robusta.

Fonte: OIC (2002) *apud Federación Nacional de Cafeteros de Colombia* (2002); OIC (2003).

Apesar do aumento da participação da produção brasileira de café na produção mundial, o mesmo não ocorreu com a participação nas exportações deste produto. Em 1991, a participação brasileira era de 28,0%, valor este que observou decréscimos ao longo da década de 90, chegando a 20,2% no final desta década. Em 2001, a participação brasileira apresentou sinais de recuperação, possibilitando o aumento da participação que passou a representar 25,7% das exportações mundiais.

Caminho inverso vem realizando o Vietnã. Partindo de sua pequena participação no mercado mundial em 1990 (1,6%), obteve aumentos sucessivos de suas exportações, passando a ocupar a 3º posição ao ultrapassar a Indonésia em 1997, e a 2º posição ao superar a Colômbia no ano de 2000. Em 2001, sua participação chegou a 15,4% das exportações mundiais, um recorde para este país (Tabela 10).

Tabela 10: Exportação dos principais países exportadores – 1991 a 2001 (em milhões de scs).

Países	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001
Brasil	21,2	18,8	17,8	17,3	14,4	15,3	16,8	18,2	23,1	18,0	23,2
Vietnã	1,2	1,9	2,1	2,7	3,5	3,8	6,2	6,5	7,7	11,6	13,9
Colômbia	12,6	16,6	13,6	11,8	9,8	10,6	10,9	11,3	10,0	9,2	9,9
Indonésia	6,2	4,6	5,7	4,6	3,9	6,4	5,8	5,6	5,1	5,2	5,4
Guatemala	2,8	3,3	3,8	3,3	3,7	4,0	4,2	3,5	4,7	4,9	4,1
C. do Marfim	3,8	4,5	4,0	2,4	2,5	2,8	4,7	4,4	2,4	6,1	4,2
Índia	1,7	1,8	2,1	2,5	2,5	3,1	2,6	3,5	3,6	4,4	3,7
Outros	26,3	26,6	26,0	25,9	27,2	31,6	29,0	27,0	28,8	29,6	25,9
Total	75,8	78,2	75,0	70,5	67,6	77,5	80,3	79,9	85,4	89,0	90,4

Fonte: OIC (2003).

Nhan (2001)¹² destaca o aumento na produtividade da cultura do café no Vietnã, que em 1975 possuía uma extensão total de cultivo de café de aproximadamente 20.000 ha, com uma produção entre 5.000 a 7.000 toneladas de café verde. Passados 25 anos, a extensão total do cultivo cafeeiro foi de aproximadamente de 500.000 ha, principalmente de café robusta, obtendo uma produção anual superior a 700.000 toneladas. Portanto em 25 anos, a cultura do café aumentou sua superfície em 25 vezes e a produção em torno de 100 vezes, um aumento aproximado de 4 vezes em sua produtividade.

Para Nhan (2001), os elevados preços mundiais no período 1994¹³ a 1998 estimularam os agricultores a ampliarem suas plantações de café, levando a um aumento muito rápido da zona cafeeira. Houve anos que a área dedicada ao café aumentou entre 20.000 e 30.000 hectares. Na colheita de 1995/96, o Vietnã produziu menos de 400.000 toneladas de café, mas na colheita de 1999/2000, a quantidade subiu para 700.000 toneladas. Portanto, foram os elevados preços do mercado que inspiraram os agricultores vietnamitas a ampliar o cultivo de café e a sair do controle do setor cafeeiro local e do programa de desenvolvimento cafeeiro projetado pelo Estado.

¹² As estratégias do setor cafeeiro do Vietnã estão baseadas na melhoria da qualidade, na redução dos custos de produção, na variedade e mudanças do produto, e no reajuste da produção em relação à demanda do mercado, na promoção do café vietnamita tanto no mercado interno como nos países que oferecem grande potencial, na reorganização da produção da estrutura das exportações de uma maneira mais científica, moderna e eficaz (Nhan, 2001).

¹³ A geada de 1994 no Brasil prejudicou a produção brasileira, mas permitiu a recuperação dos preços internacionais.

Segundo o mesmo autor, a estratégia ideal para o agronegócio do café no Vietnã seria uma área plantada de 300.000 a 400.000 hectares de café robusta e em torno de 100.000 hectares de café arábica. A produção total seria de 600.000 toneladas, 10 milhões de sacas, sendo 25% de café arábica. O restante do terreno de cultivo nas zonas cafeeiras poderia ser utilizado para pimenta, árvores frutíferas e outras culturas, segundo as condições de cada zona. O Vietnã, apesar de ser um país populoso com uma população aproximada de 70 milhões de habitantes, seu consumo *per capita* é baixo, girando em torno de 0,2 a 0,3 kg por habitante ao ano. Através de programas de promoção adaptados aos rendimentos da população, o Vietnã poderia conseguir um consumo médio de 1 kg por habitante ao ano.

Outro fato comparativo entre o Brasil e o Vietnã é a diferença na participação do café nas exportações e na participação deste produto na economia. A economia brasileira é mais dinâmica e diversificada que a economia do Vietnã. O Vietnã segue um modelo de economia socialista de mercado, onde a abertura comercial ainda é restrita e dependente de produtos primários. Outros países dependentes da exportação de produtos primários são a Costa do Marfim e a Guatemala, que são pequenas economias em desenvolvimento da África e da América Central. Já a Indonésia e o México são países abertos ao comércio internacional e possuem uma pauta de exportações mais abrangente que as economias citadas anteriormente (Tabela 11).

Tabela 11: Participação do café verde sobre as exportações totais e sobre o PIB.

	Participação das exportações (%)		Participação no PIB (%)	
	1995	1999	1995	1999
Brasil	4,17	4,65	2,76	4,21
Colômbia	18,28	11,44	19,98	15,61
Guatemala	27,02	24,48	39,74	32,08
México	0,83	0,40	2,33	1,13
Costa do Marfim	9,29	3,67	35,02	15,50
Índia	1,07	0,89	0,90	0,69
Indonésia	1,34	0,84	3,01	2,91
Vietnã	9,28	4,75	24,49	19,64

Fonte: OIC/FMI/F.O.Licht *apud* CECAFÉ (2003).

2.3. Mapeamento/descrição das principais zonas de produção

As principais regiões produtoras de café são os estados de Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo e Paraná. O estado de Minas Gerais produziu em média 17,7 milhões de sacas de 60 kg nos últimos três anos, obtendo uma representatividade média de 49,2% para o período. Utilizando a mesma média para a participação dos quatro principais estados produtores, obtemos uma produção média de 31,0 milhões de sacas, o equivalente a 86,9% da produção brasileira no período (Tabela 12).

Tabela 12: Produção brasileira de café – anos-safras* (em milhões de scs).

Período	PR	%	SP	%	MG	%	ES	%	Outros	%	BRA	%
91/92	2,5	8,6	4,0	13,8	13,5	46,6	5,5	19,0	3,5	12,1	29,0	100
92/93	1,8	7,5	5,2	21,7	9,5	39,6	5,0	20,8	2,5	10,4	24,0	100
93/94	3,0	10,5	5,5	19,3	13,0	45,6	4,5	15,8	2,5	8,8	28,5	100
94/95	2,0	7,7	4,0	15,4	13,0	50,0	4,0	15,4	3,0	11,5	26,0	100
95/96	0,2	1,2	1,8	10,7	9,2	54,8	3,1	18,5	2,5	14,9	16,8	100
96/97	0,8	2,9	3,4	12,4	15,0	54,5	5,3	19,3	3,0	10,9	27,5	100
97/98	1,2	6,4	2,5	13,3	8,6	45,7	3,3	17,5	3,2	17,2	18,8	100
98/99	2,1	6,2	4,4	13,0	19,6	57,8	5,0	14,7	2,8	8,3	33,9	100
99/00	2,3	8,5	3,8	14,0	13,9	51,3	4,5	16,6	2,6	9,6	27,1	100
00/01	1,9	6,1	3,6	11,6	15,9	51,1	6,7	21,5	3,0	9,6	31,1	100
01/02	0,5	1,9	3,0	10,7	12,7	45,4	6,8	24,2	5,0	17,8	28,1	100

* ano-safra vai de julho a junho.

Fonte: BOLETIM DO CAFÉ - Anuário 96 (até 1988: IBC; 1990/95: FEBEC; 96/2001: EMBRAPA/CONAB) *apud* MAPA (2003).

Após a geada de 1994, a produção sofreu uma grande queda em 1995, elevando os preços internacionais. Esta alta incentivou a implantação de novos tratos culturais, de investimentos em tecnologia e um crescimento da migração para áreas menos sujeitas a intempéries climáticas, como Minas Gerais e Espírito Santo. Conseqüentemente, houve um aumento na produção nessas áreas e no Brasil no ano de 1998 (Bartholomeu & Caixeta Filho, 2000).

As regiões produtoras possuem diferentes características quanto ao gosto da bebida. A Tabela 13 apresenta a classificação quanto ao gosto da bebida segundo as principais regiões produtoras de café arábica.

Tabela 13: Principais regiões produtoras de café arábica segundo classificação de bebida predominante.

Regiões produtoras de café arábica	Classificação segundo bebida predominante
Cerrado Mineiro (MG)	Mole e Dura
Sul de Minas (MG)	Dura e Mole
Zona da Mata (MG)	Rio Zona*
Araraquarense (SP)	Dura e Rio
Mogiana e Pinhal (SP)	Dura e Mole
Norte do Paraná – Maringá e Londrina (PR)	Dura, Rio e Riada
Sul do Espírito Santo	Dura e Mole (despolpado)**
Sul e Oeste da Bahia (BA)	Rio Zona
Outros Estados	

Fonte: Saes & Nakazone (2002), baseado em informações de especialistas consultados.

*Se despolpado Dura e Mole.

**Se não despolpado Bebida Riada e Rio.

A Tabela 14 apresenta o parque cafeeiro do Brasil em formação e em produção, a produção de arábica e/ou robusta dos principais estados produtores, e a produtividade em sacas por hectare na safra 2001/02. O Brasil produziu nesta safra 80,0% de café arábica e 20,0% de café robusta. O estado de Minas Gerais foi o principal produtor de café arábica, sendo responsável por 38,7% da produção de café arábica no Brasil. E o estado do Espírito Santo foi o principal produtor de café robusta, sendo responsável por 60,9% da produção deste tipo de café no Brasil.

Tabela 14: Parque cafeeiro do Brasil, produção e produtividade – safra 2001/02.

Estados/Regiões	Área (ha)				Produção (Mil sacas beneficiadas)			Produti- vidade (sc/ha)
	Em formação		Em produção		Arábica	Robusta	Total	
	Área (ha)	Cafeeiros (mil covas)	Área (ha)	Cafeeiros (mil covas)				
MG	164.900	679.000	891.100	2.287.000	12.700	40	12.740	14,30
Sul/Oeste	95.600	407.000	473.400	1.203.000	6.200	-	6.200	13,10
Triângulo/ Alto do Paranaíba	22.500	105.000	140.700	459.000	2.900	-	2.900	20,61
Zona da Mata e Jequitinhonha	46.800	167.000	277.000	625.000	3.600	40	3.640	13,14
ES	64.330	163.870	510.930	995.260	1.900	4.900	6.800	13,31
SP	34.220	113.540	223.470	407.170	3.050	-	3.050	13,65
PR*	67.300	173.730	127.700	277.200	540	-	540	4,23
BA	17.940	75.500	95.600	208.600	1.700	492	2.192	22,93
RO	73.000	140.000	245.000	340.000	-	1.910	1.910	7,80
MT	12.600	31.500	38.100	74.200	45	310	355	9,32
PA	2.200	7.800	19.400	38.100	-	250	250	12,89
RJ	1.050	3.560	10.400	20.400	150	10	160	15,38
Outros	1.100	3.640	17.500	33.600	50	90	140	8,00
Total	603.540	2.071.140	3.070.300	6.968.530	32.835	8.042	40.877	12,91

(*) - Inclui lavouras afetadas por geadas e que não produziram nessa safra

Área = 55.400 ha com 119.600 mil covas.

Fonte: MAPA - S.P.C / CONAB (jun/2002).

A Tabela 15 é semelhante à Tabela 14, mas refere-se às previsões da safra 2002/03. O aumento previsto para esta safra é de aproximadamente 15,6%, onde destaca-se o aumento da produtividade nacional, passando ao patamar de 20,5 sacas por hectare. A safra 2002/03 deve observar a maior produção para todas as regiões brasileiras, sendo que no caso de Minas Gerais, o maior produtor nacional, o aumento previsto é de aproximadamente 93%, chegando a 24,6 milhões de sacas beneficiadas.

Tabela 15: Parque cafeeiro do Brasil, produção e produtividade – safra 2002/03*.

Estados/Regiões	Área (ha)				Produção (Mil sacas beneficiadas)			Produti- vidade (sc/ha)
	Em formação		Em produção		Arábica	Robusta	Total	
	Área (ha)	Cafeeiros (mil covas)	Área (ha)	Cafeeiros (mil covas)				
MG	142.000	534.900	1.070.000	2.309.000	24.600	40	24.640	23,03
Sul/Oeste	84.700	291.200	545.000	1.174.000	12.700		12.700	23,30
Triângulo/ Alto do Paranaíba	18.500	91.400	177.000	475.000	5.100	-	5.100	28,81
Zona da Mata e Jequitinhonha	38.800	152.300	348.000	660.000	6.800	40	6.840	19,66
ES	60.560	161.256	529.000	1.118.000	2.500	6.500	9.000	17,01
SP	29.170	96.844	225.000	450.000	5.800	-	5.800	25,78
PR	9.800	37.000	128.000	307.000	2.340	-	2.340	18,28
BA	10.100	45.450	103.000	257.000	1.750	400	2.150	20,87
RO	26.000	45.000	160.000	259.000	-	1.960	1.960	13,13
MT	4.300	7.950	36.900	77.500	60	410	470	12,74
PA	3.300	10.500	19.500	38.100	-	290	290	14,87
RJ	1.010	2.830	12.480	26.200	240	15	255	20,43
OUTROS	960	3.360	18.980	36.060	60	160	220	11,59
TOTAL	287.070	945.090	2.302.860	4.877.860	37.350	9.915	47.265	20,52

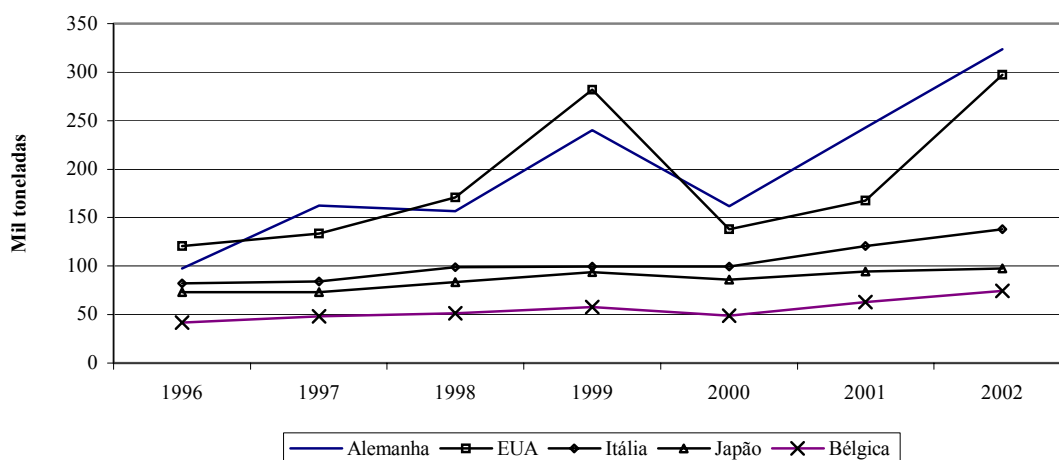
Fonte: MAPA - S.P.C / CONAB.

*estimativas realizadas em dez/2002.

2.4. Principais mercados (países importadores)

O principal tipo de café exportado no Brasil é o de menor valor agregado. Denomina-se este tipo como café em grão não torrado e não descafeinado, com número NCM 09011110¹⁴. Este tipo de café no mercado nacional é conhecido como café verde, tradução do inglês *green coffee*.

Os principais países importadores de café verde do Brasil são a Alemanha, o EUA, a Itália e o Japão. Estes países incentivam a compra do café verde para processar e distribuir o produto em seu mercado interno ou externo. A Figura 7 apresenta o aumento nas exportações brasileiras em toneladas no período de 1996/2002, com a Alemanha liderando as importações brasileiras na maior parte desse período, com exceção dos anos de 1996 e 1998, quando foi ultrapassada pelos EUA. O Japão apresenta tendência de crescimento de suas importações de café verde do Brasil, importando aproximadamente 98 milhões de kg em 2002, valor 34,2% superior ao ano de 1996.

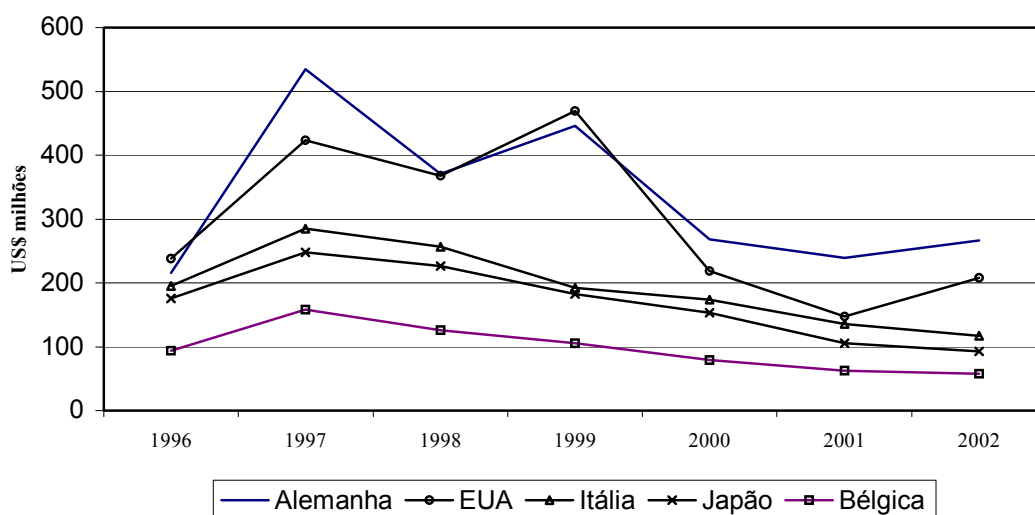


Fonte: Sistema Alice/MDIC (2003).

Figura 7: Exportações brasileiras de café verde em grãos (em milhares de t).

¹⁴ A Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM) é utilizada para classificar os produtos no comércio internacional. O NCM é constituído por oito dígitos, sendo que os seis primeiros números provêm do Sistema Harmonizado (SH) e os dois últimos dígitos são atribuídos no âmbito do MERCOSUL.

Em termos de divisas geradas em dólar por este produto, nota-se a tendência de queda no valor exportado ao longo do período 1996/2002. Em termos de valor exportado, a Alemanha foi o principal comprador entre os importadores do Brasil, com exceção dos anos de 1996 e 1998, quando foi superada pelos EUA (Figura 8).



Fonte: Sistema Alice/MDIC (2003).

Figura 8: Exportações brasileiras de café verde em grãos (US\$ milhões).

No tocante às exportações de café solúvel, o Brasil tem apresentado redução na sua competitividade devido à tributação diferenciada do café solúvel brasileiro por parte da União Européia – este bloco econômico aplica taxas alfandegárias menores aos países produtores de drogas ilegais como a Colômbia – além do alto custo do café robusta (insumo para a indústria de café solúvel) no mercado interno (Bartholomeu & Caixeta Filho, 2000).

Os principais importadores de café do Brasil são os principais compradores mundiais. Na média do período entre 1997 e 2001, os cinco maiores importadores mundiais (EUA, Alemanha Japão, França e Itália) foram responsáveis por 83% das importações mundiais, sendo o volume médio das importações mundiais de aproximadamente 78 milhões de sacas de 60 kg (Tabela 16).

Tabela 16: Importação dos principais países consumidores – 1997 a 2001 (em milhões de scs).

	2001*	2000	1999	1998	1997
E.U.A	21.449	23.827	22.786	21.048	20.349
Comunidade Européia	48.716	46.853	46.961	45.665	45.459
Alemanha	15.105	14.358	14.446	13.770	13.809
França	6.729	6.597	6.666	6.615	6.829
Itália	6.569	6.344	5.975	5.920	5.745
Holanda	2.766	2.910	2.627	2.193	2.979
Reino Unido	3.126	3.096	2.953	3.227	3.004
Espanha	4.126	3.820	4.030	3.778	3.818
Bélgica / Lux.	3.365	3.114	3.203	3.632	2.671
Suécia	1.447	1.359	1.469	1.451	1.489
Finlândia	1.089	1.068	1.200	1.172	1.188
Áustria	1.358	1.301	1.548	1.226	1.320
Dinamarca	1.106	1.004	1.085	1.015	952
Outros	1.930	1.882	1.759	1.666	1.655
Outros Países	10.031	9.732	9.396	8.600	8.805
Japão	7.065	6.975	6.617	6.085	6.048
Suiça	1.257	1.171	1.139	1.112	971
Singapura	992	922	850	696	1.102
Noruega	717	663	791	707	684

* estimativa.

Fonte: OIC e USDA *apud* CECAFE (2003).

De acordo com Bacha & Bartholomeu (1999) *apud* Bartholomeu & Caixeta Filho (2000), na maioria dos mercados consumidores tradicionais de café, o volume total consumido vem apresentando tendência decrescente ou permanece estagnado. O Brasil é um dos poucos países que apresenta volume de consumo crescente do produto. Exceção ocorre com os cafés especiais, cujo consumo vem apresentando aumento em todos os países consumidores (Tabela 17).

Tabela 17: Consumo *per capita* mundial (kg café verde por pessoa).

	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	Posição
E.U.A	4,01	3,98	4,10	4,00	4,14	4,24	4,07	4,20	17
Canadá	-	-	-	-	-	-	-	4,7	12
Brasil*	3,6	3,8	4,1	4,2	4,4	4,6	4,7	4,5	14
Finlândia	12,38	8,62	10,56	11,00	11,71	11,37	11,26	11,20	1
Dinamarca	10,48	8,70	9,91	8,97	9,57	9,55	8,55	9,40	3
Suécia	11,41	8,17	8,78	8,46	8,47	8,70	8,00	8,60	4
Alemanha	7,53	7,37	7,16	7,22	7,01	7,46	6,74	6,80	8
Holanda	8,28	8,90	9,84	9,19	7,56	5,71	6,72	7,80	5
Áustria	8,11	7,21	7,91	8,06	8,04	8,28	6,38	7,70	6
França	5,30	5,48	5,69	5,68	5,39	5,52	5,46	5,50	10
Itália	5,00	4,86	4,95	5,08	5,17	5,15	5,36	5,40	11
Grécia	2,05	2,20	4,19	4,31	3,87	3,70	4,87	4,40	15
Espanha	4,28	4,21	4,49	4,63	4,68	5,15	4,65	4,70	13
Portugal	3,71	3,38	3,97	3,85	4,12	4,70	4,30	4,30	16
Bélgica - Lux.	5,77	6,39	6,38	5,69	7,53	5,29	3,64	6,30	9
Reino Unido	2,71	2,25	2,43	2,46	2,62	2,27	2,38	2,40	19
Noruega	11,11	9,04	9,77	9,18	9,52	10,56	8,79	9,60	2
Suíça	8,10	7,97	7,82	6,03	6,84	7,26	6,91	7,50	7
Japão	2,92	2,98	2,83	2,90	2,91	3,00	3,17	3,30	18
Austrália	-	-	-	-	-	-	-	2,30	20

*Utilizou-se dados de consumo total (OIC) e de população do Brasil (IBGE) até 2000.

Fonte: OIC *apud* CECAFE até 2000; Volcafé em 2001 (2003).

A Tabela 18 detalha o consumo absoluto dos principais países consumidores. Gutiérrez (2001) cita que apesar do aumento do valor do consumo mundial do café ter se elevado a US\$ 55 bilhões por ano, os países produtores obtiveram menos de 8 bilhões desse total, ou seja, aproximadamente 15% do consumo. Stiglitz (2001)¹⁵ menciona a importância da participação dos países importadores no valor do consumo mundial de café, pois este produto proporciona meios de subsistência a 100 milhões de pessoas em 60 países, representando uma parte considerável da renda procedente das exportações (vide Tabela 11).

¹⁵ Joseph E. Stiglitz foi presidente do Conselho de Assessores Econômicos dos EUA, membro do Gabinete do Presidente Clinton de 1995 a 1997 e membro do citado Conselho desde 1993. Stiglitz recebeu importantes prêmios, tais como o Prêmio John Bates Clark e o Prêmio Nobel de Economia em 2001.

Tabela 18: Consumo estimado de café no mundo (em milhões de scs).

	2001/02	2000/01	1999/2000	1998/99
Importadores	78,6	78,1	77,1	77,0
América do Norte	21,9	21,8	21,0	21,4
E.U.A	19,5	19,4	18,7	19,1
Europa	44,2	43,9	43,7	43,8
CE	34,8	34,6	34,4	34,4
França	5,4	5,4	5,4	5,5
Alemanha	9,7	9,6	9,7	9,5
Itália	5,3	5,2	5,1	4,9
África	1,7	1,7	1,8	1,8
Ásia & Pacífico	10,0	9,9	9,8	9,2
Japão	7,0	6,9	6,8	6,5
América Latina	0,8	0,8	0,8	0,8
Produtores	27,0	26,4	25,9	25,0
Brasil	13,4	13,1	12,8	12,1
Indonésia	1,7	1,6	1,6	1,6
Etiópia	1,7	1,7	1,7	1,6
México	1,5	1,3	1,3	1,0
Colômbia	1,4	1,4	1,4	1,6
Vietnam	0,6	0,4	0,4	0,3
Índia	0,9	0,9	0,9	0,8
Outros	84,4	84,1	83,1	83,0
Total	105,6	104,5	103,0	102,0

Fonte: CECAFE (2003).

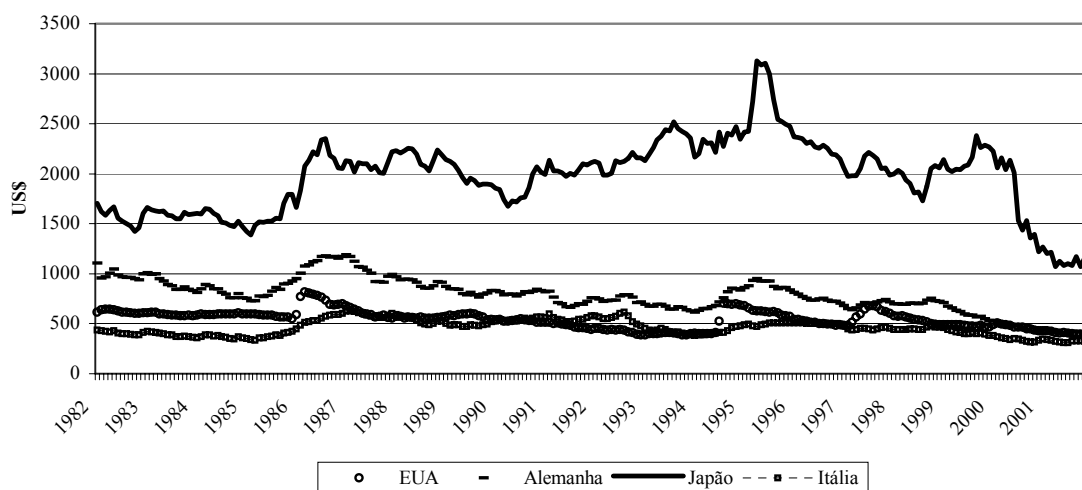
A Figura 9 demonstra a tendência de baixa ao longo das décadas de 80 e 90 para os preços pagos aos países produtores. Os indicadores utilizados foram os Índices de Preços Pagos ao produtor brasileiro (*Brazilian Naturals*), ao produtor colombiano (*Colombian Milds*) e ao produtor do Vietnã (*Robusta*) medidos pela Organização Internacional do Café (OIC). Com a baixa remuneração do Café tipo robusta, a Associação de Cafeteiros do Vietnã está incentivando o cultivo de café tipo arábica (Kai, 2001), o que pode ocasionar queda no preço desse tipo de café.



Fonte: Elaborado a partir de dados da OIC (2003).

Figura 9: Preço pago aos produtores dos principais países exportadores – deflacionado (US\$ por sc 60 kg). Deflator: IPC-EUA.

Por outro lado, os preços pagos no varejo nos países importadores não apresentam a mesma proporção de queda apresentada pelos preços pagos aos países produtores (Figura 10).



Fonte: Elaborado a partir de dados da OIC (2003).

Figura 10: Preço do café no varejo nos países importadores – deflacionado (US\$ por sc 60 kg). Deflator: IPC-EUA.

A queda acentuada nos preços de café está relacionada ao alto índice de concentração das empresas exportadoras. Podemos notar, na Tabela 19, que os dez maiores exportadores eram responsáveis por 40% em 1991, sendo que em 1998 esse índice passou a 41%.

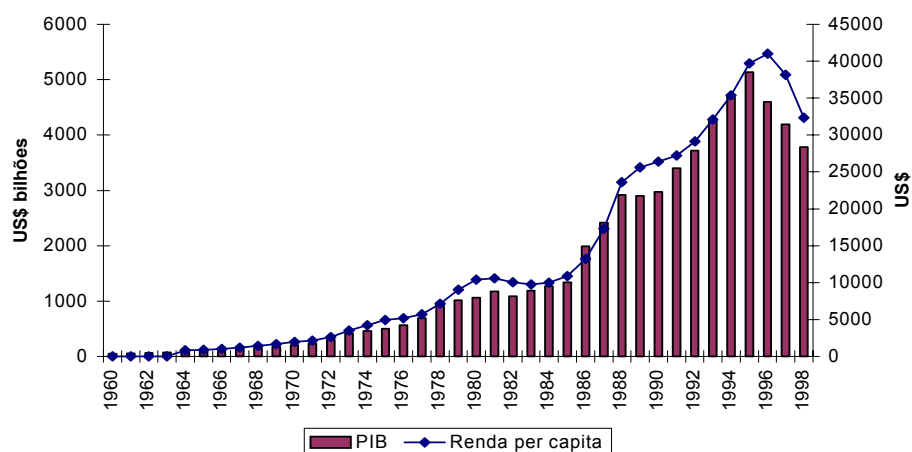
Tabela 19: Índice de concentração das empresas exportadoras mundiais de café – 1991 e 1998.

Índice de Concentração	1991	1998
C1	8,4	8,0
C5	28	26
C10	40	41

Fonte: *Coffee Business* (1999) apud Saes & Farina (1999).

2.4.1. Japão

A economia japonesa obteve altas taxas de crescimento econômico desde 1960 até 1995, com exceção das recessões de 1982 (-7,1%) e 1989 (-0,6%). Nos anos de 1996, 1997 e 1998, o país obteve taxas negativas de crescimento de 10,6%, 8,8% e 9,7%, respectivamente (Figura 11).



Fonte: Banco Mundial apud FGV (2003).

Figura 11: PIB e renda per capita do Japão – 1960/98.

O Japão é uma economia com alta participação das exportações e importações no Produto Nacional Bruto (PNB), onde estas participações em 1991 foram de 9,0% e 6,8%, e em 2001, a participação foram de 9,5% e 8,2%, respectivamente. As importações de alimentos no Japão vêm crescendo, sendo que em 2000 o valor total das importações foi de US\$ 48,5 bilhões, um crescimento de 30,6% em relação a 1991, e uma participação de 12,8% no total das importações (Tabela 20).

Tabela 20: PNB e comércio internacional do Japão (US\$ milhões).

Anos	PNB	Exportações (FOB)	Importações (CIF)	Importações de alimentos (CIF)	Saldo Comercial
1981	1.183.600	151.495	142.866	18.511	8.629
1991	3.483.300	314.786	236.999	37.152	77.787
2000	4.841.600	479.249	379.571	48.531	99.678
2001	4.245.200	404.686	350.095	n.d.	54.591

Fonte: Banco Mundial (2002).

As importações de café do Japão, em 1980, foram de 3,3 milhões de sacas de 60 kg, sendo que em 2001, tal valor atingiu aproximadamente 7 milhões de sacas de 60 kg. Este aumento permitiu ao Japão ser o terceiro maior importador do mundo, atrás dos EUA e da Alemanha. Apesar de sua posição nas importações, apresentou um baixo consumo *per capita* de 3 kg por habitantes em 1999, sendo apenas 64% superior à média internacional, e ocupando o 17º lugar no ranking mundial (Ueshima, 2001).

Ueshima (2001) argumenta que o principal fator para o crescimento do consumo no Japão, ao longo das décadas de 80 e 90, foram os investimentos realizados na qualidade do café visando satisfazer os elevados critérios dos consumidores. Como exemplo cita as “Normas, disposições e diretrizes de competência leal relativa à etiqueta do café torrado e do café instantâneo”, ditadas pelo Conselho Nacional de Comércio Equitativo do Café do Japão. Esta normativa tem o objetivo de assegurar ao consumidor a seleção apropriada do produto. As normas para as etiquetas dos cafés mesclados se estabeleceram no Japão em conformidade com essa normativa¹⁶.

¹⁶ Em relação ao café torrado, quando o seu rótulo cita o país, a variedade ou a marca de café verde, o *blend* deverá conter pelo menos 30% desse tipo de grão de café verde. Quando o café for um *blend*, seus rótulos devem conter a composição dos principais países em ordem de volume utilizado para formar este *blend*. Em

A Tabela 21 apresenta o crescimento das importações japonesas de café. Nota-se que este país não produz café e que seu consumo é dependente de suas importações. O crescimento das importações e consumo de café no Japão, na década de 90, foi 14,6% e de 14,7%, respectivamente.

Tabela 21: Mercado de café no Japão – 1991/2000 (em milhares de t).

	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000
Produção	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Importação	387.4	361.0	383.1	410.5	364.0	396.3	397.2	389.1	420.9	443.8
Varição nos estoques	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Exportação	5.2	4.4	5.5	4.4	1.2	1.1	3.1	1.5	1.5	5.4
Oferta doméstica	382.2	356.5	377.6	406.1	362.8	395.2	394.1	387.6	419.4	438.5
Uso alimentar	382.2	356.5	377.6	406.1	362.8	395.2	394.1	387.6	419.4	438.5
Outros usos	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Fonte: FAO (2002).

Os principais exportadores de café verde para o Japão no ano de 2002 foram a Colômbia e o Brasil. As participações desses dois países no volume das importações japonesas em 2002 foram de 26,3% e 18,4% apresentando valores de US\$ 139 milhões e US\$ 98 milhões, respectivamente. Em relação ao volume exportado estes países representaram 21,3% e 23,4% das importações totais do Japão, apresentando volumes de 93.830 e 85.451 toneladas, respectivamente. O Brasil aumentou o volume exportado de café para o Japão, e assim como aumentou sua participação neste mercado: em 1997, o volume e a participação foram de 74.427 toneladas e 22,9%, respectivamente (Tabela 22).

Tabela 22: Os principais exportadores de café verde para o Japão (US\$ mil, t).

	1997		1998		1999		2000		2001		2002	
	Valor	Volume	Valor	Volume	Valor	Volume	Valor	Volume	Valor	Volume	Valor	Volume
Brasil	259.922	74.427	246.217	78.499	197.060	91.901	177.331	90.104	124.014	93.185	97.755	93.830
Indonésia	130.425	67.615	118.642	61.405	116.226	69.808	84.493	69.906	56.669	67.399	53.458	58.177
Colômbia	253.023	62.703	219.987	61.202	173.831	63.761	177.838	70.463	116.842	67.027	139.337	85.451
Guatemala	61.976	16.900	71.525	19.032	70.386	26.045	69.079	28.060	51.487	31.260	54.036	33.678
Vietnã	23.662	16.042	31.932	19.045	34.915	23.463	22.411	25.315	15.866	29.727	15.986	30.533
Etiópia	61.623	17.703	68.583	23.187	60.272	24.214	56.397	26.757	39.059	24.588	39.158	32.329
Outros	274.402	69.842	264.512	70.017	194.605	64.225	192.099	71.625	136.630	68.580	130.208	66.296
Total	1065.041	325.233	1021.397	332.386	847.304	363.418	779.647	382.230	540.560	381.745	529.938	400.294

* dados incluídos no total.

Fonte: Ministério das Finanças do Japão (2003).

relação ao café enlatado, quando seu rótulo indicar os países produtores e a variedade, o produto deverá conter mais de 50% desse tipo de café verde.

A Tabela 23 descreve a alta participação do café verde nas importações japonesas de café. Em 1999, o Japão despendeu US\$ 847 milhões em café verde ou 87% do total importado de café. Em termos de volume, o café verde representou 363 mil toneladas, o equivalente a 94% do total de café importado.

Tabela 23: Participação das importações do café – tipos (t, US\$ milhões).

	1995		1996		1997		1998		1999	
	Volume	Valor	Volume	Valor	Volume	Valor	Volume	Valor	Volume	Valor
Grãos verdes	300.563	1092,57	326.914	897,16	325.233	1065,04	332.386	1021,40	363.418	847,30
Café comum	2.131	22,70	3.338	31,72	1.795	21,71	1.580	21,46	1.817	20,04
Café instantâneo	-	-	6.056	68,19	5.945	58,18	6.923	71,88	6.569	60,74
Extrato e essência de café	-	-	17.996	70,20	20.056	74,08	13.570	54,97	14.329	49,36
Total	302.694	1115,27	354.304	1067,28	353.029	1219,01	354.459	1169,70	386.132	977,45

Fonte: JETRO (2002).

Em outros segmentos, o Brasil também foi o principal fornecedor para o Japão, tais como nos casos do café solúvel e do extrato e essência de café, no ano de 2001. Em relação ao café torrado, os EUA foram o principal fornecedor, seguido de Itália, Reino Unido e Brasil (Tabela 24).

Tabela 24: Principais exportadores de café para o Japão - 2001.

	Café Torrado			Café Instantâneo			Extrato e Essência de Café	
	Volume (t)	Valor (US\$ milhões)		Volume (t)	Valor (US\$ milhões)		Volume (t)	Valor (US\$ milhões)
EUA	2.043	16,23	Brasil	3.572	20,66	Brasil	10.983	25,15
Itália	442	3,93	Colômbia	1.144	9,49	Malásia	1.974	6,05
Reino Unido	291	4,44	Alemanha	1.078	10,73	Colômbia	1.806	6,85
Brasil	246	1,62	Equador	1.049	5,31	Holanda	927	7,84
Colômbia	113	0,75	Indonésia	321	1,98	Equador	268	0,96
Outros	495	4,91	Outros	1.223	13,48	Outros	76	0,58
Total	3630	31,88	Total	8.387	61,65	Total	16.034	47,43

Fonte: JETRO (2002).

A Tabela 25 apresenta a baixa participação dos produtos processados. Devido às restrições impostas aos produtos importados, a participação do café torrado e do café instantâneo no Japão continua sendo baixa. Esta pequena participação está relacionada ao

pico tarifário para produtos derivados do café, que chega a 130%; no caso do café verde, a tarifa de importação é nula (MDIC, 2002).

Tabela 25: Participação das importações no mercado japonês (%).

		1996	1997	1998	1999	2000
Café torrado	Produção japonesa (t)	137.726	136.615	139.094	139.788	145.701
	Importações (t)	3.338	1.795	1.580	1.817	2.749
	Total (t)	141.064	138.410	140.674	141.605	148.450
	Participação das importações	2,4	1,3	1,1	1,3	1,9
Café instantâneo	Produção japonesa (t)	35.055	33.157	31.410	32.067	33.764
	Importações (t)	6.056	5.945	6.923	6.569	7.177
	Total (t)	41.111	39.102	38.333	38.636	40.941
	Participação das importações	14,7	15,2	18,1	17,0	17,5

Fonte: Ministério da Agricultura, Floresta e Piscicultura, Exportações e Importações do Japão *apud* JETRO (2002).

A Tabela 26 compara a produção de bebidas de café e outros tipos de bebidas não-alcoólicas. O mercado de bebidas não-alcoólicas vem apresentando sólido crescimento desde 1996, sendo que as bebidas de café lideram este mercado. O mercado japonês apresentou um pequeno acréscimo de 5,1% no consumo de bebidas de café no período de 1996 a 2000. A tendência do consumo de bebidas no Japão apresenta crescimento em produtos relacionados ao apelo à saúde do consumidor, tais como o chá verde, bebidas de frutas e bebidas esportivas (JETRO, 2002).

Tabela 26: Produção de bebidas não-alcoólicas do Japão (em milhares de litros).

	1996	1997	1998	1999	2000	2000/1996 (%)
Bebidas de café	2.483.000	2.568.000	2.562.000	2.600.000	2.610.000	5,11
Bebidas de chá	931.000	1.011.000	985.000	901.000	789.000	-15,25
Bebidas de chá <i>oolong</i>	1.207.000	1.260.000	1.210.000	1.280.000	1.295.000	7,29
Chá verde e outras bebidas de chá	1.311.000	1.605.000	1.795.000	1.876.000	2.296.000	75,13
Bebidas de cola	1.112.000	1.152.000	1.149.000	1.170.000	1.160.000	4,32
Outras bebidas com carboidratos	1.813.000	1.854.000	1.704.000	1.722.000	1.644.000	-9,32
Bebidas não alcoólicas contendo suco de frutas	838.000	829.000	880.000	1.055.000	1.050.000	25,30
Suco de frutas naturais	620.000	573.000	570.000	550.000	556.000	-10,32
Outras bebidas de fruta	434.000	412.000	600.000	609.000	649.000	49,54
Água mineral	485.900	646.000	714.600	956.400	894.300	83,95
Bebidas esportivas	993.000	1.068.000	1.065.000	1.156.000	1.378.000	38,77
Outras bebidas não alcoólicas	560.100	989.000	1.237.000	1.291.500	1.172.000	109,29
Total	13.149.000	13.967.000	14.471.600	15.166.900	15.493.300	

Fonte: The Japan Soft Drink Association *apud* JETRO (2002).

2.4.1.1. Características do mercado nipônico

O número de estabelecimentos de café no Japão vem caindo desde 1980. Apesar dessa queda, está ocorrendo uma maior relação da demanda com o lugar de trabalho e com novos tipos de estabelecimentos que servem café. Calcula-se que o consumo realizado fora de casa, principalmente de café torrado, é de aproximadamente 20% do total. O mercado de consumo doméstico vem aumentando rapidamente nos últimos anos. A maior parte deste mercado consiste em café solúvel e na criação de novos produtos (Ueshima, 2001).

O mercado de café líquido, através do consumo de café enlatado, é uma das características do mercado japonês e desempenha um papel importante na expansão do consumo. Apesar de seu ritmo de crescimento ter decaído, o café embalado nas garrafas PET vem expandido-se todos os anos. O café líquido representa aproximadamente a terça parte de todo o mercado cafeeiro do Japão (Ueshima, 2001).

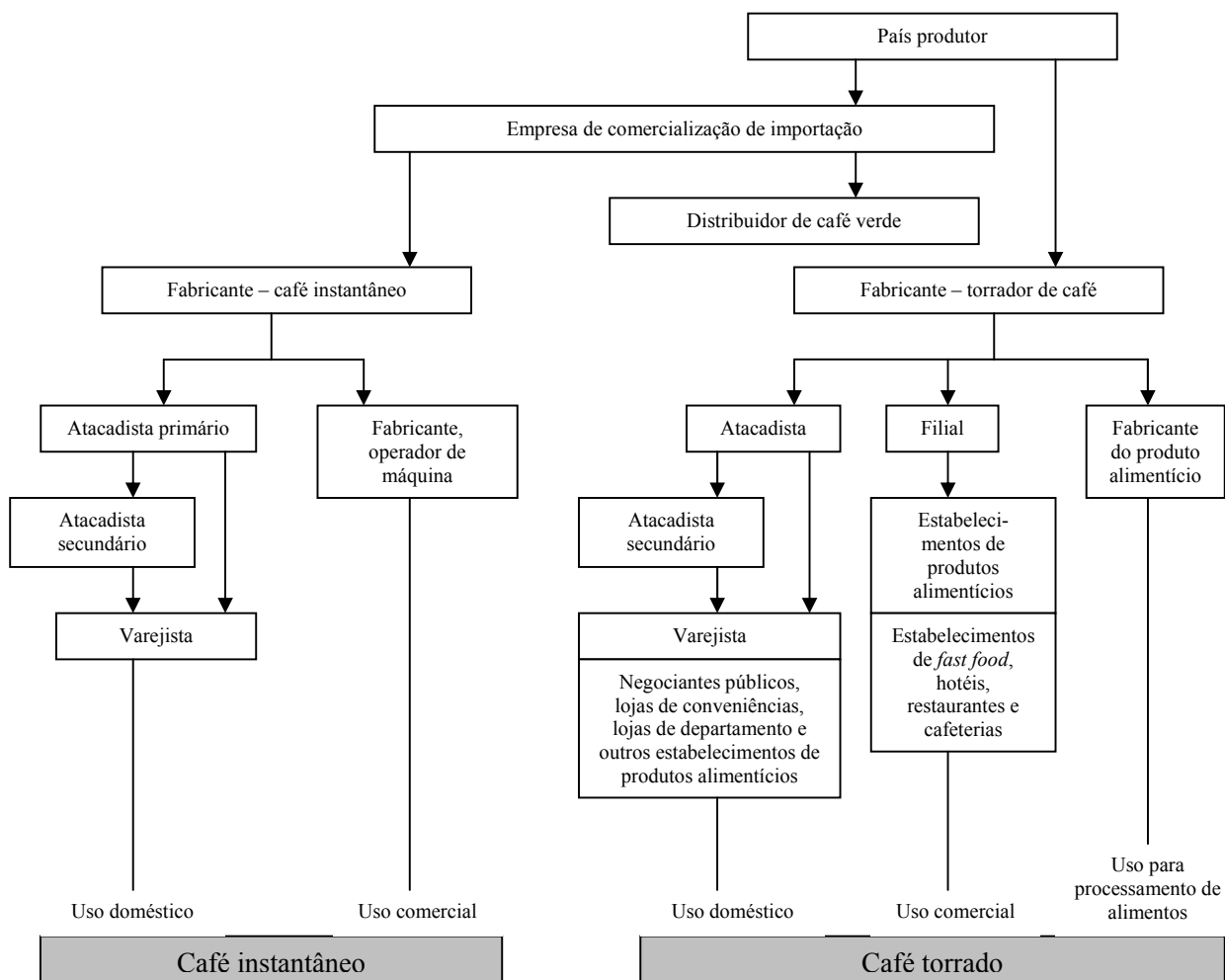
De acordo com a Associação Nacional Japonesa do Café, a quantidade de xícaras médias de consumo por pessoa por semana aumentou de 7,4 em 1950 para 11,04 em 2000.

Este aumento está relacionado com a difusão das cafeterias no Japão¹⁷. Como exemplo podemos citar os investimentos da *Hiang Kie Pte Ltd*¹⁸ em cafés finos assim como os restaurantes denominados de “Coffee Club” e “Coffee Club Xpress”.

A Figura 12 ilustra a distribuição do café verde no Japão, desde sua importação até chegar às suas diferentes formas de uso (doméstico, comercial, processamento de alimento) do café instantâneo e do café torrado.

¹⁷ As cafeterias vêm ganhado popularidade no Japão, principalmente entre os jovens, estimulando o mercado, apesar de representar 0,8% do consumo de café.

¹⁸ Empresa fundada em 1936, focada no comércio internacional do café e de especiarias. Atualmente a empresa está diversificando suas atividades, se direcionando ao café descafeinado e à torração do café, à purificação de especiarias e ao armazenamento. A *Hiang Kie Pte Ltd* é presidida por Ong Siong Kai, ex-diretor da Bolsa de Produtos Básicos de Cingapura (SICOM) e ex-presidente da Associação de Café de Cingapura (Federación Nacional de Cafeteros de Colombia, 2001).



Fonte: JETRO (2002).

Figura 12: Processamento e distribuição do café verde no Japão.

2.5. Mercados promissores

Como mercados promissores temos a China e a Coréia do Sul que, apesar de possuírem um baixo consumo *per capita* de café, são economias que apresentaram rápido crescimento e desenvolvimento econômico nas últimas décadas. Esta seção cita as principais características desses mercados.

2.5.1. China

A China vem buscando maior abertura de sua economia para se tornar mais competitiva. Sua carência tecnológica vem diminuindo com a criação a partir de 1980 de cinco zonas econômicas especiais (ZEEs). Nestas ZEEs a legislação é mais flexível para atrair capitais estrangeiros, absorver tecnologias, equipamentos e métodos de gestão avançadas, além de sua produção estar voltada para a exportação (Pomar, 2002).

Em 1984 foram criados 14 portos livres e em 1985 instituiu-se cinco zonas econômicas abertas no delta do rio Yang-tse, no delta do rio Zhujiang e nas áreas triangulares de Fujian, Shandong e Liaodong. Os portos livres e as zonas triangulares possuem áreas que podem receber investimentos estrangeiros de até dez milhões de dólares, e as empresas chinesas podem exportar e realizar acordos diretamente com o exterior. Nos anos de 1990 a 1992, o governo chinês criou as zonas de desenvolvimento econômico de Pudong (província de Shanghai) e de Yangpu (província de Hainan) (Pomar, 2002). A Figura 13 apresenta a localização das Zonas Econômicas Especiais (ZEEs) e portos livres da China.

Estas áreas especiais abertas ao capital estrangeiro adotam diferentes políticas, mas possuem o mesmo objetivo, que é de exportar produtos e importar avançadas tecnologias, acelerando o desenvolvimento econômico.



Fonte: Pomar (2002).

Figura 13: Zonas Econômicas Especiais (ZEEs) e portos livres da China.

A China vem apresentando altas taxas de crescimento econômico ao longo das décadas de 80 e 90. Nessas décadas o crescimento anual médio foi de aproximadamente 9,9%, sendo tal crescimento proporcionado pelos setores de indústria e de serviços (Tabela 27).

Tabela 27: Crescimento do PNB, do PNB *per capita* e das estruturas econômicas da China (%).

	PNB	PNB <i>per capita</i>	Agricultura	Indústria	Serviços
1981-91	10,0	8,4	5,2	11,4	11,1
1991-01	9,7	8,6	4,0	12,6	8,7
2000	7,1	7,1	2,4	9,6	7,8
2001	6,6	6,6	2,8	8,7	7,4
2001-05*	6,9	6,1	-	-	-

* estimativa

Fonte: Banco Mundial (2002).

A China vem apresentando saldos comerciais favoráveis. Nos anos de 2000 e 2001, a balança comercial apresentou valores positivos de US\$ 24,1 bilhões e US\$ 22,5 bilhões, respectivamente. A transação comercial chinesa também vem apresentando crescimento nas últimas duas décadas. Em 1981, o volume total transacionado foi de US\$ 44,0 bilhões, em 1991 e US\$ 135,6 bilhões e em 2000 US\$ 474,3 bilhões (Tabela 28).

Tabela 28: PNB e comércio internacional da China (US\$ milhões).

Anos	PNB	Exportações (FOB)	Importações (CIF)	Importações de alimentos (CIF)	Saldo Comercial
1981	228.300	22.007	22.015	3.622	- 0.008
1991	402.600	71.843	63.791	7.226	8.052
2000	1.077.500	249.210	225.097	12.282	24.113
2001	1.150.100	266.155	243.610	12.780	22.545

Fonte: Banco Mundial (2002).

Outro dado comercial importante é a composição das importações da China. Em 2000, era basicamente formada por maquinaria e equipamentos de transporte (Tabela 29). Nesse ano, a participação das importações de alimentos foi de 5,4%, equivalendo a US\$ 12,8 bilhões.

Tabela 29: Principais produtos importados pela China – 2000 (US\$ bilhões).

Produtos	US\$ bilhões
Maquinaria e equipamentos de transporte	102,9
Petróleo	14,9
Circuitos eletrônicos integrados e micro-componentes	13,3
Plásticos primários	11,0
Aço e seus produtos	8,5
Produtos de petróleo	3,7

Fonte: MDIC (2002).

As importações chinesas procedem principalmente dos países circunvizinhos como o Japão, Taiwan e Coréia do Sul. Esses três países foram responsáveis por 40% das importações chinesas em 2000. Além desses países, os EUA possuem uma importante participação de 10% nas importações chinesas (Tabela 30).

Tabela 30: Procedência das importações chinesas – 2000.

Países	%
Japão	18,4
Taiwan	11,3
Coréia do Sul	10,3
Estados Unidos	10,0
Alemanha	4,6
Hong Kong	4,2
Rússia	2,6
Malásia	2,4

Fonte: MDIC (2002).

A Tabela 31 demonstra a escalada tarifária para os produtos à base do café. O café verde será taxado em 8% no ano de 2004, enquanto os extratos terão uma tarifa de 17%, sendo esse número maior para as preparações à base de extratos (30%).

Tabela 31: Concessões tarifárias outorgadas pela China para o café (2000).

SH	Descrição	Tarifa consolidada (aliquota “ad valorem”) em %			Tarifa aplicada (2001)
		inicial	Final	implementação	NMF (“ad valorem”) em %
09011100	Café não torrado, não descafeinado		8	2004	15
21011100	Extratos, essências e concentrados de café	36,8	17	2004	44
21011200	Preparações a base de extratos, essências ou concentrados ou a base de café	43,3	30	2005	47

Fonte: MRE *apud* MDIC (2002).

Apesar das altas taxas de importação, a China importa a maior parte do volume de café demandado em seu mercado interno. A produção de café na China vem apresentando

crescimento, mas ainda possui uma produção incipiente. Em 2000, sua produção correspondeu a 0,4% da produção brasileira. O consumo da China vem apresentado crescimento em toda a década de 90, com exceção do ano de 1993, quando houve uma queda de 33% no consumo. O crescimento acumulado do consumo na década foi equivalente a 143% (Tabela 32).

Tabela 32: Mercado de café na China – 1991/2000 (em milhares de t).

	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000
Produção	3,5	3,8	4,0	3,3	3,2	3,0	3,6	6,2	7,0	7,5
Importação	26,0	28,8	24,3	29,1	21,9	36,2	29,7	33,2	36,9	42,1
Varição nos estoques	-4,3	5,1	5,2	0	-2,0	-11,0	13,0	0	0	0,1
Exportações	11,5	20,3	21,8	18,7	7,2	13,5	30,3	24,4	25,6	23,6
Oferta doméstica	13,8	17,4	11,7	13,7	15,9	14,7	15,9	15,0	18,3	26,0
Uso alimentar	13,3	16,9	11,3	13,1	15,6	14,4	15,6	14,7	17,4	25,6
Outros usos	0,4	0,5	0,4	0,5	0,3	0,3	0,3	0,3	0,4	0,4

Fonte: FAO (2002).

Nota-se, na Tabela 32, que as exportações chinesas superam sua produção, o que sugere a ocorrência de *drawback*, pois as importações completam a oferta de café na China.

2.5.2. Coréia do Sul

A Coréia do Sul vem apresentando um rápido desenvolvimento desde a década de 60, estimulada por altas taxas de poupança e investimentos, principalmente em educação e nos setores com maior valor agregado como a Informática. Este país possui um mercado interno pequeno, o que torna sua industrialização dependente das exportações. A partir da década de 70, a Coréia do Sul diversificou suas exportações para reduzir os problemas causados pelas flutuações de preços e de demanda de seus produtos exportados. Assim a produção e exportação de produtos condicionados a recursos físicos e mão-de-obra cederam espaço para produtos intensivos de capital.

A Tabela 33 ilustra as altas taxas de crescimento econômico nas últimas duas décadas na Coréia do Sul, conduzida pelo setor industrial. Este bom desempenho permitiu a Coréia do Sul tornar-se, em 1996, o 29º país membro da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).

Tabela 33: Crescimento do PNB, do PNB *per capita* e das estruturas econômicas da Coréia do Sul (%).

	PNB	PNB <i>per capita</i>	Agricultura	Indústria	Serviços
1981-91	9,1	7,9	1,9	11,7	8,7
1991-01	5,4	4,4	1,9	6,1	5,4
2000	9,3	8,4	2,0	11,9	7,9
2001	3,0	2,2	1,4	2,6	3,6
2001-05*	5,9	5,4	-	-	-

* estimativa

Fonte: Banco Mundial (2002).

A Coréia do Sul é um país que se observa grande abertura econômica. No ano de 2000, exportou US\$ 172,2 bilhões ou 37,3% de seu PNB, e importou US\$ 160,5 bilhões ou 34,8% de seu PNB. A maior parte de suas importações são petróleo e minerais naturais, gêneros alimentícios e bens como maquinaria, equipamentos eletrônicos e equipamentos de transportes.

Tabela 34 : PNB e comércio internacional da Coréia do Sul (US\$ milhões).

Anos	PNB	Exportações (FOB)	Importações (CIF)	Importações de alimentos (CIF)	Saldo Comercial
1981	69.200	21.254	26.131	-	-4.877
1991	295.200	71.870	81.525	4.032	-9.655
2000	461.500	172.268	160.481	7.085	11.787
2001	422.200	150.439	141.098	7.315	9.341

Fonte: Banco Mundial (2002).

A Tabela 34 indica um crescimento de 75,7% nas importações de alimentos na década de 90, tendo a Coréia do Sul importado o equivalente a US\$ 7,1 bilhões em 2000.

No tocante às importações de café, a Coréia do Sul possui um déficit comercial desse produto por não produzir o mesmo. As importações são utilizadas para uso alimentar e certa parte é reexportada, conforme mostra a Tabela 35.

Tabela 35: Mercado de café na Coréia do Sul – 1991/2000 (em milhares de t).

	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000
Produção	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Importação	57,5	66,6	70,1	82,0	74,9	73,7	83,2	81,4	92,3	99,3
Varição nos estoques	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Exportação	4,9	4,7	8,1	7,1	7,2	9,9	13,2	9,5	7,0	10,5
Oferta doméstica	52,6	61,9	62,0	74,9	67,8	63,9	70,0	71,9	85,3	88,7
Uso alimentar	52,6	61,9	62,0	74,9	67,8	63,9	70,0	71,9	85,3	88,7
Outros usos	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Fonte: FAO (2002).

A Tabela 36 aponta os principais países exportadores de café para a Coréia do Sul. O Brasil, apesar de ser o maior exportador mundial, foi o quarto fornecedor de café verde para este país, exportando US\$ 8,9 milhões em 2001.

Tabela 36: Importações sul coreanas de café verde (2001).

Países	2001			
	Valor (1000US\$)	%	Peso (t)	%
Vietnã	14.062,00	22,1	27.766	37,8
Honduras	9.523,00	15,0	7.432	10,1
Colômbia	11.072,00	17,4	6.747	9,2
Brasil	8.880,00	14,0	7.562	10,3
México	2.732,00	4,3	2.111	2,9
Indonésia	3.197,00	5,0	6.040	8,2
Peru	4.696,00	7,4	3.755	5,1
Costa Rica	2.557,00	4,0	1.546	2,1
Índia	318,00	0,5	454	0,6
Etiópia	475,00	0,7	267	0,4
Demais Países	6.038,00	9,5	9.836	13,4
Total	63.550,00	100,0	73.516	100,0

Fonte: Kita *apud* MAPA (2002).

Em relação aos principais aspectos do acesso ao mercado sul coreano, não há barreiras fitossanitárias para a importação de café verde. A Coréia do Sul não aplica o sistema de quotas para a importação de café (Tabela 37). Ao contrário do Japão e da China, a Coréia do Sul exerce maiores tarifas para o café verde, com uma tarifa de importação de 60% e uma tarifa prevista para 2004 de 54%, quando termina o prazo de consolidação junto à OMC. Já o café torrado observa tarifas mais baixas (29,5%) (MAPA, 2002).

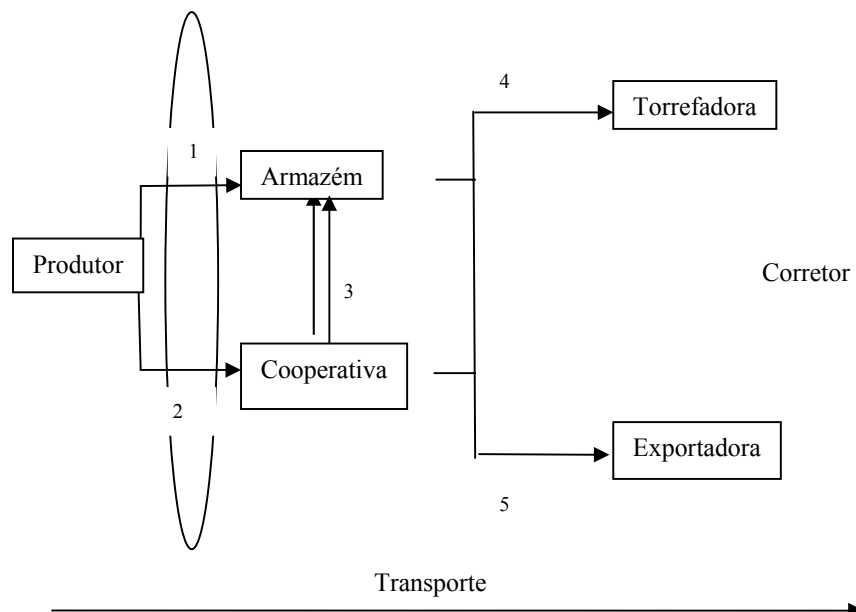
Tabela 37: Tarifas base e consolidada do café pela Coreia do Sul.

SH	Descrição do produto	Tarifa	Tarifa consolidada ¹
		<i>Ad valorem</i> (%)	<i>Ad valorem</i> (%)
0901.1	Café verde	60,0	54,0
0901.2	Café torrado	45,0	29,5

¹ 2004.

Fonte: WTO *apud* MAPA (2002).

2.6. Características da comercialização do café no mercado interno



Fonte: Bartholomeu & Caixeta Filho (2000).

Figura 14: O transporte na Cadeia Agroindustrial do Café.

A Figura 14 ilustra os fluxos de movimentação do café verde ao longo de sua Cadeia Agroindustrial (Bartholomeu & Caixeta Filho, 2000), onde:

- (1) Trajeto que representa o transporte de café, geralmente beneficiado, para o armazém;
- (2) Caso não ocorra o beneficiamento na fazenda, o café é transportado em coco para ser beneficiado e armazenado em uma cooperativa;
- (3) Este trajeto raramente ocorre, pois as cooperativas possuem seu próprio armazém;
- (4) Neste trajeto, o café verde é transportado das cooperativas e armazéns para as indústrias de torrefação e moagem e para as indústrias de solúvel;
- (5) Caso não ocorra o processamento do café verde no mercado interno, o café verde é transportado das cooperativas e armazéns para as exportadoras.

O corretor é um agente que atua principalmente nas transações entre o produtor e os armazéns e/ou cooperativas. Este agente analisa as amostras de café e recomenda o produto para seus clientes. Em geral, como remuneração de seu trabalho, recebe 1% do total transação, sendo esta comissão rateada pelo produtor e pelo comprador (Farina & Zylbersztajn, 1998 *apud* Bartholomeu & Caixeta Filho, 2000).

2.6.1. Armazenagem

Os armazéns exercem importante trabalho na exportação do café devido à sua tarefa de beneficiar e padronizar o café. Os armazéns localizavam-se nos portos de embarque, mas com a geada de 1975, houve um deslocamento da produção de café do Paraná e São Paulo para o Espírito Santo e sul de Minas, ocasionando o fechamento dos armazéns do Paraná, e o surgimento de novos armazéns nas novas regiões produtoras. Esta migração do exportador para o interior tornou o setor mais competitivo ao reduzir os custos de terra e de mão-de-obra, além de favorecer a localização mais próxima do produtor. Estes fatores têm permitido ao exportador investir em tecnologia e mecanização, aumentando a qualidade dos serviços dos armazéns e reduzindo seus custos (Bartholomeu & Caixeta Filho, 2000).

2.6.2. Embalagem/Acondicionamento

O café beneficiado geralmente sai da unidade produtora embalado em sacaria de juta, de 60 kg. Quando o destino é o mercado interno, utiliza-se sacaria velha (sacaria utilizada mais de uma vez), e quando destino é o mercado externo, o café beneficiado é rebeneficiado e embalado em sacarias novas, que em geral, possuem a marca da empresa exportadora (Farina & Zylbersztajn, 1998 *apud* Bartholomeu & Caixeta Filho, 2000).

Outra tipo de embalagem é o *big-bag*. Este tipo de saca é reaproveitável, e possui uma capacidade de 20 sacas de 60 kg. Possui um custo menor, necessita de menos mão-de-obra e é mais seguro contra pequenos roubos, sendo empregado no transporte do interior para o terminal de estufagem no porto e para entregas às torrefadoras internas (Bartholomeu & Caixeta Filho, 2000).

Para o transporte em granel, emprega-se o *lainer bag* (saco de prolipropileno) para preencher todo o interior do contêiner. Este saco de prolipropileno protege o produto contra umidade e odores.

Até a década de 70, o café exportado era transportado no porão do navio em sacaria solta. A partir de então, começou-se a utilizar o contêiner. Para manter a qualidade do café, deve-se utilizar contêineres que não foram utilizados por produtos que deixaram odores (Bartholomeu & Caixeta Filho, 2000).

2.6.3. Transporte

O transporte de café se torna mais intenso nos meses de julho a outubro, tendo um mês de defasagem entre o início da safra e o término da safra. O pagamento do frete no transporte de café é feito pelo produtor quando o transporte é realizado entre a unidade produtora e as cooperativas e armazéns. O transporte para esse elo da cadeia pode ser realizado por frota própria da cooperativa e/ou armazéns, por transportadores autônomos, ou por frota própria do produtor (Caixeta Filho et alli, 1998 *apud* Bartholomeu & Caixeta Filho, 2000).

Para o transporte dos armazéns até os portos ou até as indústrias de torrefação e solúvel, utiliza-se frota própria dos armazéns ou das indústrias, ou por empresas especializadas em transporte (Bartholomeu & Caixeta Filho, 2000).

2.7. Postos aduaneiros

Para exportar, há a necessidade da averiguação dos produtos em postos aduaneiros, localizados nos seguintes tipos de recintos:

- Instalações Portuárias Alfandegadas (IPA): recintos alfandegados de Zona Primária;
- Estações Aduaneiras Interiores (EADI): recintos alfandegados de Zona Secundária;
- Recintos Especiais para Despacho Aduaneiro de Exportação (REDEX): recintos não alfandegados de Zona Secundária.

De acordo com o Sistema Integrado de Comércio Exterior (Siscomex), a Zona Primária compreende os portos, aeroportos e pontos de fronteira alfandegados; já a Zona Secundária compreende a parte restante do território aduaneiro, nela incluídas as águas territoriais e o espaço aéreo (MDIC, 2003).

Quase a totalidade das EADIs trabalha com carga geral e, portanto, podem servir de entreposto aduaneiro para o café. O estado de São Paulo é o estado que mais possui EADIs no Brasil. Atualmente, 30 EADIs estão em funcionamento no estado de São Paulo. Os outros estados produtores de café, Minas Gerais, Espírito Santo e Paraná, possuem 5 EADIs cada um.

No caso do café, os recintos mais importantes são os IPAs e as EADIs. Para o despacho do café exige-se o certificado de origem nos postos aduaneiros.

A Estação Aduaneira Interior (EADI), também conhecida como *dry port*, é um terminal alfandegado de uso público, situado em zona secundária, destinado à prestação, por terceiros, dos serviços públicos de movimentação e armazenagem de mercadorias sob controle aduaneiro. Na EADI, os serviços aduaneiros estão a cargo da Secretaria da Receita Federal (SRF), como os serviços de processamento de despacho aduaneiro de importação e exportação (SRF, 2003).

As EADIs são instaladas próximas às regiões produtoras ou consumidoras, proporcionando simplificação de procedimentos para o contribuinte. A Tabela 38 cita as EADIs dos principais estados produtores de café. Com exceção do estado do Espírito Santo, todos os outros estados possuem EADI fora da capital (SRF, 2003).

Tabela 38: Localização das EADIs nos principais estados produtores de café.

EADI	Estado	Administrador
Granbel	MG	USIFAST Logística Industrial S/A
Juiz de Fora	MG	Multiterminais Alfandegados do Brasil Ltda.
Varginha	MG	Armazéns Gerais Agrícola Ltda.
Uberlândia	MG	Mineração Andirá Ltda.
Uberaba	MG	Empresa de Transportes Lider Ltda.
Vitória I	ES	COIMEX Armazéns Gerais S/A
Vitória II	ES	GUICAFÉ Armazéns Gerais S/A
Vitória III	ES	Cia. de Transportes e Armazéns Gerais - SILOTEC
Vitória IV	ES	COIMEX Armazéns Gerais S/A
Vitória V	ES	TERVIX Terminais Interportuários Ltda.
Bauru	SP	CIPAGEM – Cia. Paulista de Armazéns Gerais Aduaneiros Exportação e Importação S/A
Campinas I	SP	Armazéns Gerais Colúmbia S/A
Campinas II	SP	Libraport Campinas S/A
Franca	SP	EMBRATE - Empresa Brasileira de Armazéns, Terminais e Entrepostos Ltda.
Guarujá	SP	Mesquita S/A Transportes e Serviços
Guarulhos	SP	Plan Service Despachos Aduaneiros e Transportes Ltda.
Ribeirão Preto	SP	Rodrimar S/A
Santo André	SP	Consórcio EADI Santo André
Santos I	SP	Armazéns Gerais Colúmbia S/A
Santos II	SP	EUDMARCO S/A
Santos III	SP	Integral Transporte e Agenciamento Marítimo Ltda.
Santos IV	SP	Mesquita S/A, Transportes e Serviços
Santos V	SP	Mesquita S/A, Transportes e Serviços
Santos VI	SP	Deicmar S/A, Despachos Aduaneiros Assessoria Transportes
São Bernardo do Campo	SP	Integral Transporte e Agenciamento Marítimo Ltda.
São José dos Campos	SP	Universal Armazéns Gerais Ltda.
São Paulo I	SP	AGESBEC - Armazéns Gerais e Entrepostos São Bernardo do Campo S/A
São Paulo II	SP	Armazéns Gerais Colúmbia S/A
São Paulo III	SP	CNAGA - Cia. Nacional de Armazéns Gerais Alfandegados
São Paulo IV	SP	CRAGEA - Cia. Regional de Armazéns Gerais e Entrepostos Aduaneiros
São Paulo V	SP	Multiterminais Alfandegados do Brasil Ltda.
São Paulo VI	SP	EMBRAGEN - Empresa Brasileira de Armazéns Gerais e Entrepostos Ltda.
São Sebastião	SP	CNAGA - Cia. Nacional de Armazéns Gerais Alfandegados
Sorocaba	SP	Aurora Terminais e Serviços Ltda.
São José do Rio Preto	SP	Automotive Distribuição e Logística Ltda.
Taubaté	SP	Eadi Taubaté Ltda.
Jundiaí	SP	Integral Transporte e Agenciamento Marítimo Ltda.
Guarulhos	SP	Transquadros Mudanças e Transportes Ltda.
Barueri	SP	Armazéns Gerais Colúmbia S/A
Piracicaba	SP	Armazéns Gerais Colúmbia S/A
Curitiba	PR	Armazéns Gerais Colúmbia S/A
Foz Do Iguaçu	PR	EADISUL Terminal de Cargas Ltda.
Maringá	PR	Maringá Armazéns Gerais Ltda.
Paranaguá	PR	Martini Meat S/A, Armazéns Gerais
Curitiba II	PR	EADISUL Terminal de Cargas Ltda.

Fonte: Secretaria da Receita Federal (2003).

3. SAÍDAS PARA O PACÍFICO

Baseando-se nas referências sobre as possíveis e potenciais saídas para o Pacífico, espera-se encontrar as melhores rotas considerando as características do agronegócio do café. As rotas analisadas deverão levar em consideração as principais regiões produtoras de café do Brasil (MG, ES, SP, PR) e o destino do café verde aos portos do Pacífico, para em seguida, transladar-se para os portos asiáticos específicos.

Segundo o estudo sobre corredores bioceânicos do GEIPOT (1997a) *apud* Mello et al. (2000), as possíveis saídas para o Pacífico partindo do Brasil dizem respeito aos seguintes roteiros:

- Manaus (AM) – Santo Antônio do Içá (AM) – Puerto El Carmem del Putumayo (fronteira Colômbia – Equador) – Quito/Esmeraldas (Equador);
- Manaus (AM) – Benjamin Constant (fronteira Brasil – Peru) – Iquitos (Peru) – Yurimaguas/Sarameriza – Paita (Peru);
- Porto Velho (RO) – Rio Branco (AC) – Assis Brasil/Iñapari (fronteira Brasil – Peru) – Puerto Maldonado (Peru) – Juliaca (Peru) – Puno (Peru) - Ilo/Matarani (Peru);
- Porto Velho (RO) – Abuña (RO) – Guajará-Mirim/Guayaramerim (fronteira Brasil – Bolívia) – Caranavi (Bolívia) – La Paz (Bolívia) – Patacamaya (Bolívia) – Tambo Quemado (fronteira Bolívia – Chile) – Arica/Iquique (Chile);
- Cuiabá (MT) – Cáceres (MT) – Cochabamba (Bolívia) – Arica/Iquique (Chile);
- Santos (SP)-São Paulo (SP) – Corumbá/Puerto Suarez (fronteira Brasil – Bolívia) – Cochabamba (Bolívia) – Arica/Iquique (Chile);
- Santos (SP) - São Paulo (SP) – Antofagasta (Chile);
- Santos (SP) - São Paulo (SP) – Curitiba (PR) – São Borja/Uruguaiana (fronteira Brasil – Argentina) – Mendoza (Argentina) – Valparaiso (Chile);
- Rio Grande (RS) – Uruguaiana/Paso de Los Libres (fronteira Brasil – Argentina) – Mendoza (Argentina) – Valparaiso (Chile);
- Rio Grande (RS) – Uruguaiana/São Borja (fronteira Brasil – Argentina) – Corrientes/Resistência (Argentina) – Antofagasta (Chile).

Segundo GEIPOT (1997a) *apud* Mello et al. (2000) estas rotas possuem grandes problemas como a dificuldade de transposição física da Cordilheira dos Andes e a

concorrência com a navegação oceânica que apresenta custo de transporte mais competitivo. Somando a essas dificuldades Mello et al. (2000) acrescentam que as rodovias que levam ao Pacífico possuem infra-estrutura precária, sendo necessário, para viabilizar o transporte de cargas pelas mesmas, investimentos na malha viária até a costa do Pacífico. Portanto, é visivelmente mais fácil e mais econômico realizar investimentos em melhorias nos portos nacionais que abrir saídas pelo Pacífico, as quais beneficiariam muito mais a integração regional que o transporte de cargas propriamente dito.

3.1. ROTAS POSSÍVEIS

Segundo Bartholomeu & Caixeta Filho (2000), as principais rotas utilizadas pelo café envolvem vias que interligam as regiões produtoras e os portos:

- São Paulo-Santos;
- Sul de MG-Santos (500 km);
- Cerrado-Santos (800 – 1000 km);
- Estrada Rio-Bahia.

Estas rotas escoam o café em direção aos portos do Atlântico. Visando indicar as rotas para os portos do Pacífico tendo como origem as regiões produtoras, baseando-se no estudo do GEIPOT (1997a) *apud* Mello et al., temos:

- Santos (SP) - São Paulo (SP) – Corumbá/Puerto Suarez (fronteira Brasil – Bolívia) – Cochabamba (Bolívia) – Arica/Iquique (Chile) (Tabela 39);
- Santos (SP) - São Paulo (SP) – Antofagasta (Chile) (Tabela 40);
- Santos (SP) - São Paulo (SP) – Curitiba (PR) – São Borja/Uruguaiana (fronteira Brasil – Argentina) – Mendoza (Argentina) – Valparaiso (Chile).

As estradas brasileiras da rota Santos – Arica se encontram pavimentadas, sendo que no Estado de São Paulo, as pistas são duplas. No lado boliviano, o trecho Puerto Suarez (fronteira Bolívia/Brasil) – Santa Cruz de La Sierra constitui-se de uma estrada de 647 km de extensão não pavimentada. Já o trecho Santa Cruz de La Sierra – Cochabamba – Patacamaya até Arica se encontra pavimentada e em bom estado de conservação. De Patacamaya a Tambo Quemado (fronteira Bolívia/Chile) até Zapahuiria, o trecho encontra-se em processo de pavimentação e o trecho entre Zapahuiria e Arica é pavimentado (Tabela 39).

Segundo Mello et al. (2000), caso ocorra a efetivação dessa rota, o próximo trabalho estaria voltado para a sua ampliação. Segundo GEIPOT (1997a) *apud* Mello et al. (2000) os trechos de ponta, em particular o segmento Cochabamba - Arica, que transpõe os Andes,

apresenta uma capacidade de transporte muito baixa, sendo que na articulação a partir da divisa entre Bolívia e Chile até Arica, pode ser observada uma movimentação de no máximo 250 mil toneladas/ano, por sentido.

Tabela 39: Trechos do corredor bioceânico Santos – Arica.

Trecho	Via	Extensão (km)	Observação
Opção 1			
Santos - São Paulo	SP-150	72	Pavimentado em pista dupla
São Paulo - Entr. p/ Botucatu	SP-280	213	Pavimentado em pista dupla
Entr. p/ Botucatu - Espírito Sto. do Turvo		104	Pavimentado em pista dupla
Espírito Sto. do Turvo - Presidente Prudente	SP-225/250	221	Pav. em pista dupla e simples
Presidente Prudente - Presidente Epitácio	SP-270	95	Pavimentado em pista simples
Presidente Epitácio - Campo Grande	BR-267	367	Pavimentado em pista simples
Campo Grande - Corumbá		435	Pavimentado em pista simples
Corumbá – Puerto Suarez		18	Pavimentado em pista simples
Puerto Suarez - Sta. Cruz de La Sierra		647	Terra
Sta. Cruz de La Sierra - Cochabamba	4	476	Pavimentado
Cochabamba - Patacamaya		270	Pavimentado (73 km em terra)
Patacamaya - Tambo Quemado	108	192	Terra (em pavimentação)
Tambo Quemado - Zapahuirá	11	96	Terra (em pavimentação)
Zapahuirá - Arica		109	Pavimentado
Arica - Iquique		302	Pavimentado
Total Santos- Arica		3.315	
Opção 2			
Santos - Entr. Botucatu (opção 1)		285	Trechos da opção 1
Entr. p/ Botucatu - Bauru	SP-300	120	Pavimentado em pista dupla
Bauru - Araçatuba		196	Pavimentado em pista dupla
Araçatuba - Três lagoas (SP/MS)	BR-262	157	Pavimentado em pista dupla
Três Lagoas - Campo Grande		337	Pavimentado em pista simples
Campo Grande - Arica (opção 1)		2.243	Trechos da opção 1
Total Santos- Arica		3.303	

Fonte: GEIPOT (1997); *World Map* (2003); Quatro Rodas (2003).

O Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) caracteriza o trecho Santos-Arica dentro do Eixo transversal do sul, movimentando aproximadamente um milhão de toneladas de carga por terra ao ano, utilizando rodovias e redes ferroviárias (BID, 2003).

Em relação às estradas de Santos a Antofagasta, as duas opções de ligação apresentam-se consolidadas e totalmente pavimentadas em território brasileiro, possuindo pista dupla até Foz do Iguaçu. Segundo GEIPOT (1997a), os trechos do território argentino encontram-se pavimentados e em bom estado com exceção do trecho de Purnamarca até San Pedro de Atacama (Chile), que se encontra em processo de pavimentação. O próximo trecho até Antofagasta, está pavimentado, e em bom estado de conservação (Tabela 40).

Tabela 40: Trechos do corredor bioceânico Santos – Antofagasta.

Trecho	Via	Extensão (km)	Observação
Opção 1			
Santos - São Paulo	SP-150	72	Pavimentado em pista dupla
São Paulo-Div. SP/PR - Curitiba	BR-116	408	Pavimentado em pista dupla
Curitiba-Guarapuava - Foz do Iguaçu		639	Pavimentado em pista dupla
Foz do Iguaçu - Posadas	12	298	Pavimentado em pista simples
Posadas - Resistência	12	335	Pavimentado em pista simples
Resistência - Metan	16	696	Pavimentado
Metan - São salvador de Jujuy - Purnamarca		203	Pavimentado
Purnamarca - Susques	56/16	184	Terra (em pavimentação)
Susques - Front. Arg./Ch (P.Jama)	16	68	Terra (em pavimentação)
Front. Argentina/Chile - São Pedro de Atacama	23	147	Terra (em pavimentação)
São Pedro de Atacama - Antofagasta	23/25	305	Pavimentado
Extensão Santos - Antofagasta		3.381	
Opção 2			
Santos - Curitiba (Opção 1)		480	Trechos da opção 1
Curitiba - Passo Fundo	BR-476/153	553	Pavimentado
Passo Fundo - São Borja	BR-285	393	Pavimentado em pista simples
São Borja - Sto. Toma - Posadas	14	147	Pavimentado em pista simples
Posadas - Corrientes - Resistência	12	265	Pavimentado em pista simples
Resistência - Antofagasta (Opção 1)		1.603	Trechos da opção 1
Extensão Santos - Antofagasta		3.469	

Fonte: GEIPOT (1997); *World Map* (2003); Quatro Rodas (2003).

Segundo GEIPOT (1997a), o trecho Santos – Valparaíso encontra-se implantado e consolidado em território nacional, apresentado-se com diversas opções de trajeto que conduzem até Uruguaiana/Passo de Los Libres ou São Borja/Santo Tomé (pontos de cruzamento da fronteira entre Brasil e Argentina). Todas as opções estão pavimentadas, apresentando, em seus diferentes trechos, condições de pavimento que vão de ruins a boas. Alguns trechos estão com sua capacidade saturada, em função do intenso tráfego brasileiro, e não, especificamente, do tráfego internacional. A partir dos pontos de fronteira Brasil/Argentina, o corredor segue por Concórdia, Santa Fé, Mendoza e Las Cuevas (fronteira Argentina/Chile), Los Andes-Valparaíso, em rodovia pavimentada e em bom estado (Tabela 41).

O BID caracteriza o trecho Santos-Valparaíso dentro do Corredor de Desenvolvimento Mercosul-Chile que é o maior da América do Sul, fazendo a ligação Rio de Janeiro-São Paulo-Montevideú-Buenos Aires-Santiago. Este corredor não possui uma rota principal, mas uma rede com vários nós e raios. Em 1998, este corredor movimentou cerca de 10 milhões de toneladas de carga por caminhões e 8 milhões de toneladas de

petróleo transportado por oleodutos, sendo que o transporte ferroviário continua marginal (BID, 2003).

Tabela 41: Trechos do corredor bioceânico Santos – Valparaíso.

Trecho	Via	Extensão (km)	Observação
Opção 1			
Santos – São Paulo	SP-150	72	Pavimentado em pista dupla
São Paulo – Div. SP/PR – Curitiba	BR-116	408	Pavimentado em pista dupla
Curitiba – Mafra – Vacaria	BR-116	468	Pavimentado em pista dupla
Vacaria – Porto Alegre	BR-116	240	Pavimentado em pista simples
Porto Alegre – Uruguaiana	BR-290	634	Pavimentado em pista dupla
Uruguaiana – Paso de Los Libres		-	Concreto. Ponte internacional
Paso de Los Libres – Concórdia	14	331	Pavimentado
Concórdia – Paraná - Santa Fé	18	403	Pavimentado. Túnel sobre o rio Paraguai, entre Paraná e Santa Fé
Santa Fé – Mercedes	19/58	545	Pavimentado
Mercedes – Mendoza	7	368	Pavimentado
Mendoza – Las Cuevas (Front. Arg./Chile)		196	Pavimentado
Las Cuevas – Los Andes - Valparaíso	60	248	Pavimentado
Extensão Santos – Valparaíso		3.926	
Opção 2			
Santos – Vacaria (Opção 1)		1.044	Trecho da Opção 1
Vacaria – Passo Fundo	BR-285	175	Trecho da Opção 1
Passo Fundo – Ijuí	BR-285	176	Pavimentado em pista simples
Ijuí – São Borja	BR-285	217	Pavimentado em pista simples
São Borja – Uruguaiana	BR-472	177	Pavimentado em pista simples
Uruguaiana – Valparaíso (Opção 1)		2.091	Pavimentado em pista simples
Extensão Santos – Valparaíso		3.888	Pavimentada
Opção 3			
Santos – São Borja (Opções 1 e 2)		1.612	Trecho da Opção 1 e 2
São Borja – São Tomé		16	Ponte rodoviária
Santo Tomé – Paso de Los Libres	14	181	Pavimentado em pista simples
Paso de Los Libres – Federal	14/27	217	Pavimentado
Federal – Paraná – Santa Fé		181	Pavimentado
Santa Fé – Valparaíso (Opção 1)		1.357	Pavimentado
Extensão São Paulo – Valparaíso		3.548	
Opção 4			
Santos – Curitiba (Opção 1)		480	Trecho da Opção 1
Curitiba – Porto União (PR/SC)	BR-476	248	Pavimentado em pista simples
Porto União – Passo Fundo	BR-153	295	Pavimentado em pista simples
Passo Fundo – São Borja (Opção 2)		393	Trecho da Opção 2
São Borja – Valparaíso (Opção 3)		1.952	Trecho da Opção 3
Extensão Santos – Valparaíso		3.368	
Opção 5			
Santos – Curitiba (Opção 1)		480	Trecho da Opção 1
Curitiba - Florianópolis	BR-376/101	304	Pavimentado em pista dupla
Florianópolis – Porto Alegre	BR-101	474	Pavimentado em pista simples e dupla
Porto Alegre – Valparaíso (Opção 1)		2.732	Trecho da Opção 1
Extensão Santos – Valparaíso		3.990	

Fonte: GEIPOT (1997); *World Map* (2003); Quatro Rodas (2003).

Adaptando a origem desta rotas citadas para as principais cidades das regiões produtoras de café, teremos no sul de Minas Gerais a cidade de Guaxupé; na Zona da Mata e no Vale do Jequitinhonha a cidade de Viçosa; no Cerrado Mineiro a cidade de Patrocínio; no Espírito Santo a cidade de Linhares; Franca representando a região Mogiana paulista; Marília representando a região da Alta Paulista, e Londrina a região do Norte do Paraná. Ao todo são sete cidades de origem e três portos de destino (Arica, Antofagasta e Valparaíso), originando mais de 21 rotas. Assim temos:

- Guaxupé (MG) – Porto Ferreira (SP) - Bauru (SP) - Araçatuba (SP) – Campo Grande (MS) - Corumbá/Puerto Suarez (fronteira Brasil – Bolívia) – Cochabamba (Bolívia) – Arica/Iquique (Chile);
- Guaxupé (MG) – Porto Ferreira (SP) - Jaú (SP) - Marília (SP) – Assis (SP) - Londrina (PR) – Cascavel (PR) - Foz do Iguaçu (PR) – Resistência (Argentina) – Metan (Argentina) - Antofagasta (Chile);
- Guaxupé (MG) – Porto Ferreira (SP) - Jaú (SP) - Marília (SP) – Assis (SP) - Londrina (PR) – São Borja/Uruguaiana (fronteira Brasil – Argentina) – Mendoza (Argentina) – Valparaiso (Chile);
- Viçosa (MG) – Leopoldina (MG) – Volta Redonda (RJ) - São Paulo (SP) – Presidente Prudente (SP) - Campo Grande (MS) - Corumbá/Puerto Suarez (fronteira Brasil – Bolívia) – Cochabamba (Bolívia) – Arica/Iquique (Chile);
- Viçosa (MG) – Leopoldina (MG) – Volta Redonda (RJ) - São Paulo (SP) - Curitiba (PR) – Antofagasta (Chile);
- Viçosa (MG) – Leopoldina (MG) – Volta Redonda (RJ) - São Paulo (SP) - Curitiba (PR) – São Borja/Uruguaiana (fronteira Brasil – Argentina) – Mendoza (Argentina) – Valparaiso (Chile);
- Patrocínio (MG) – Uberlândia (MG) – S.J. do Rio Preto (SP) - Araçatuba (SP) - Campo Grande (MS) - Corumbá/Puerto Suarez (fronteira Brasil – Bolívia) – Cochabamba (Bolívia) – Arica/Iquique (Chile);
- Patrocínio (MG) – Uberlândia (MG) – S.J. do Rio Preto (SP) - Marília (SP) – Assis (SP) - Londrina (PR) – Cascavel (PR) - Foz do Iguaçu (PR) – Resistência (Argentina) – Metan (Argentina) - Antofagasta (Chile);

- Patrocínio (MG) – Uberlândia (MG) – S.J. do Rio Preto (SP) - Marília (SP) – Assis (SP) - Londrina (PR) – São Borja/Uruguaiana (fronteira Brasil – Argentina) – Mendoza (Argentina) – Valparaiso (Chile);
- Linhares (ES) – Rio de Janeiro (RJ) - São Paulo (SP) – Presidente Prudente (SP) – Campo Grande (MS) - Corumbá/Puerto Suarez (fronteira Brasil – Bolívia) – Cochabamba (Bolívia) – Arica/Iquique (Chile);
- Linhares (ES) – Rio de Janeiro (RJ) - Santos (SP) - São Paulo (SP) - Foz do Iguaçu (PR) – Resistência (Argentina) – Metan (Argentina) - Antofagasta (Chile);
- Linhares (ES) – Rio de Janeiro (RJ) - Santos (SP) - São Paulo (SP) - Curitiba (PR) – São Borja/Uruguaiana (fronteira Brasil – Argentina) – Mendoza (Argentina) – Valparaiso (Chile);
- Franca (SP) – Jaú (SP) - Marília (SP) – Assis (SP) – Presidente Prudente (SP) – Campo Grande (MS) - Corumbá/Puerto Suarez (fronteira Brasil – Bolívia) – Cochabamba (Bolívia) – Arica/Iquique (Chile);
- Franca (SP) – Jaú (SP) - Marília (SP) – Assis (SP) - Londrina (PR) – Cascavel (PR) - Foz do Iguaçu (PR) – Resistência (Argentina) – Metan (Argentina) - Antofagasta (Chile);
- Franca (SP) – Jaú (SP) - Marília (SP) – Assis (SP) - Londrina (PR) – São Borja/Uruguaiana (fronteira Brasil – Argentina) – Mendoza (Argentina) – Valparaiso (Chile);
- Marília (SP) – Assis (SP) – Presidente Prudente (SP) – Campo Grande (MS) - Corumbá/Puerto Suarez (fronteira Brasil – Bolívia) – Cochabamba (Bolívia) – Arica/Iquique (Chile);
- Marília (SP) – Assis (SP) - Londrina (PR) – Cascavel (PR) - Foz do Iguaçu (PR) – Resistência (Argentina) – Metan (Argentina) - Antofagasta (Chile);
- Marília (SP) – Assis (SP) - Londrina (PR) – São Borja/Uruguaiana (fronteira Brasil – Argentina) – Mendoza (Argentina) – Valparaiso (Chile);
- Londrina (PR) – Presidente Prudente (SP) – Campo Grande (MS) - Corumbá/Puerto Suarez (fronteira Brasil – Bolívia) – Cochabamba (Bolívia) – Arica/Iquique (Chile);

- Londrina (PR) – Cascavel (PR) - Foz do Iguaçu (PR) – Resistência (Argentina) – Metan (Argentina) - Antofagasta (Chile);
- Londrina (PR) – São Borja/Uruguaiana (fronteira Brasil – Argentina) – Mendoza (Argentina) – Valparaíso (Chile).

Tais rotas podem ser visualizadas nas Figuras 15 a 21.



Figura 15: Saídas pelo Pacífico para a região de Guaxupé .



Figura 16: Saídas pelo Pacífico para a região de Viçosa.



Figura 17: Saídas pelo Pacífico para a região de Patrocínio.



Figura 18: Saídas pelo Pacífico para a região de Linhares.



Figura 19: Saídas pelo Pacífico para a região de Franca.



Figura 20: Saídas pelo Pacífico para a região de Marília.



Figura 21: Saídas pelo Pacífico para a região de Londrina.

3.2. Portos marítimos

Na América do Sul, os portos que poderiam ser utilizados como saídas pelo Pacífico para o café brasileiro são os portos de Arica, Iquique, Antofagasta e Valparaíso no Chile; eventualmente, podem também ser considerados os portos de Matarani e Ilo, no sul do Peru, dada a proximidade destes portos aos portos do norte do Chile (Arica e Iquique). A Tabela 42 apresenta a movimentação de contêineres em toneladas nos principais portos chilenos.

Tabela 42: Movimentação de contêineres (t) – 1999/2001.

Portos	1999	2000	2001
Valparaíso	3.930.418	4.469.302	4.665.458
Arica	1.350.000	1.075.000	1.050.000
Atofagasta	491.082	552.690	521.172

Fonte: Empresas Portuárias de Chile (2003).

Segundo Pavan (1997) *apud* Mello et al. (2000), os portos de países da América do Sul, na costa do Pacífico possuem baixos calados (entre 9 e 10 m), não operando navios Panamax de 50.000 TDW (presentes nos principais portos do Brasil e no porto de Tocopilla, no Chile).

Por outro lado, os portos chilenos possuem a vantagem de serem mais rápidos em relação ao despacho aduaneiro. Segundo dados do BID (2001) *apud* BID (2003), o tempo médio de despacho aduaneiro do Chile foi de 3 dias e do Brasil 10 dias.

Com relação aos portos marítimos no mercado asiático em questão, destaque-se a existência de mais de mil portos no Japão. Apesar da alta quantidade de portos, os portos que mais são utilizados no comércio internacional são Yokohama, Kobe e Nagóia. A Tabela 43 traz um perfil dos portos japoneses, de acordo com sua administração.

Tabela 43: Número de portos no Japão classificados de acordo com sua administração – 1995.

Classificação	Total	Administrador do porto					Portos privativos
		Prefeitura	Vila	Agência portuária	Cooperativas	Total	
Portos importantes	133	100	27	1	5	133	-
Portos regionais	969	525	376	-	-	901	68
Total	1.102	625	403	1	5	1.034	68

Fonte: Ministério da Terra, Infra-estrutura e Transporte do Japão (2003).

A Tabela 44 apresenta os principais portos sul coreanos e sua movimentação de contêineres em toneladas. A Coréia do Sul vem recebendo um número crescente de navios, sendo que em 2001, observou-se a atracação de 6.586 navios, movimentando um volume de 6,6 bilhões de toneladas.

Tabela 44: Circulação de navios e movimentação de contêineres em portos sul-coreanos (t).

Portos	1999		2000		2001	
	Nº de navios	Volume (t)	Nº de navios	Volume (t)	Nº de navios	Volume (t)
Incheon	1346	1689221	1336	1773751	1359	1927029
Pusan	2501	2263190	2514	2343944	2531	2460780
Kunsan	204	22260	215	25321	225	32335
Mokpo	469	58337	482	74284	493	81329
Yeosu	503	365865	513	369565	518	584134
Pohang	177	84607	169	82369	170	84568
Donghai	95	4356	95	4774	100	4772
Jeju	92	39338	93	35768	99	45498
Masan	605	102075	583	97769	590	114071
Ulsan	244	1434664	267	1332799	268	1245746
Daesan	219	12146	227	12449	233	12496
Total	6455	6076059	6494	6152793	6586	6592758

Fonte: *Korea National Statistical Office* (2003).

Os principais portos chineses são aqueles abertos ao investimento estrangeiro, conhecidos como Portos Livres, e foram apresentados na Figura 12.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O aumento das importações dos países asiáticos e o aumento das exportações de café verde do Brasil podem justificar maiores investimentos para viabilizar as rotas para o Pacífico.

As potenciais saídas para o Pacífico podem atender de forma adequada as regiões produtoras de café. As regiões produtoras do norte do Paraná e oeste paulista, por exemplo, estão praticamente ao longo das possíveis rotas para o Pacífico. Já a cidade de Pinhares (ES) se localiza próxima ao porto de Vitória, e Viçosa se localiza relativamente próxima aos portos do Atlântico.

No tocante aos postos aduaneiros, vem aumentando o número de EADIs no Brasil. As EADIs estão presentes em todas as principais regiões produtoras de café, e podem exercer importante papel ao facilitar e agilizar o desembaraço do café quando este produto vier a utilizar as saídas para o Pacífico.

Outro ponto positivo é a eficiência dos portos chilenos no despacho aduaneiro, onde as operações de despacho aduaneiro do Chile muito mais ágeis e eficientes se comparadas ao observado em portos brasileiros.

Por outro lado, apesar da redução da distância entre as regiões produtoras e os portos do Pacífico, a infra-estrutura para as rotas pelo Pacífico é precária. Principalmente nas estradas próximas aos Andes, há a necessidade de investimentos em infra-estrutura para que ocorra um desenvolvimento auto-sustentável na região das rotas, a partir do aumento do intercâmbio comercial na América do Sul (GEIPOT, 1997 apud Mello, 2000).

Finalmente, reforce-se a afirmação de Mello et al. (2000), que acreditam que o fato da cordilheira dos Andes ser uma grande barreira física não deve assustar investidores e futuros usuários, pois no passado isso não impediu que barreiras semelhantes, como as Montanhas Rochosas, ou mesmo a Serra do Mar, em menor escala, fossem ultrapassadas. Sem dúvida irá exigir investimentos de monta, a serem bancados por empreendedores de países distintos – mas talvez de um mesmo bloco econômico – e que vão obrigatoriamente demandar a realização de estudos atualizados e mais aprofundados sobre a viabilidade de tal tipo de ligação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA DO CAFÉ. <http://www.abic.com.br> (03 abr. 2003)
- BANCO INTERAMERICANO DE DESENVOLVIMENTO. **Além das Fronteiras: O Novo Regionalismo na América Latina**. BID: Washington, 2003 (relatório).
- BANCO MUNDIAL. **Japan at a Glance**.
http://www.worldbank.org/data/countrydata/aag/jpn_aag.pdf (10 Nov. 2002)
- BANCO MUNDIAL. **People's China at a Glance**.
http://www.worldbank.org/data/countrydata/aag/chn_aag.pdf (10 Nov. 2002)
- BANCO MUNDIAL. **Republic of Korea at a Glance**.
http://www.worldbank.org/data/countrydata/aag/kor_aag.pdf (10 Nov. 2002)
- BARTHOLOMEU, D. B.; CAIXETA FILHO, J. V. **Caracterização da logística do transporte do café brasileiro**. Piracicaba, ago/2000.
- BM&F. **Contrato Futuro de Café Arábica**. <http://www.bmf.com.br/pages/Contratos1/> (15 Jun 2003)
- BM&F. **Contrato Futuro de Café Robusta Conillon**.
<http://www.bmf.com.br/pages/Contratos1/> (15 Jun 2003)
- BRASIL. Senado Federal. **Constituição Federal 1988**.
<http://www.senado.gov.br/legisla.htm> (5 Ago. 2003)
- BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Gabinete do Ministro. Comércio Internacional de Produtos Agropecuários: Brasil - China**. Brasília: MAPA, 2002. 184p.
- BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Gabinete do Ministro. **Comércio internacional de produtos agropecuários: Brasil – Coréia do Sul**. Brasília, 2002. 71p.
- BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Gabinete do Ministro. **Comércio Internacional de Produtos Agropecuários: Brasil - Japão**. Brasília, 2002. 85p.
- BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Secretaria de Produção e Comercialização. **Estatísticas**. <http://www.agricultura.gov.br> (25 Abr. 2003)

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Instrução Normativa n° 8, de 11 de junho de 2003.

http://www.agricultura.gov.br/spc/balanca/in_08_2003.pdfBRASIL (11 Jul. 2003).

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. **Sistema Alice.**

<http://alicesweb.desenvolvimento.gov.br> (24 Abr. 2003)

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. **Barreiras Não-Tarifárias.** <http://www.mdic.gov.br/comext/Deint/barreiraApresenta.html> (04 Set. 2002)

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. **SISCOMEX.**

<http://www.mdic.gov.br/comext/decec/siscomex.html> (20 Ago. 2003)

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. **Exportadores Brasileiros.** <http://www.exportadoresbrasil.gov.br/g36157/html> (22 Jun. 2003)

BRASIL. Secretaria da Receita Federal. **EADI.**

<http://www.receita.fazenda.gov.br/Aduana/Eadi.htm> (04 Ago. 2003)

CAFÉ de São Paulo. São Paulo: Secretaria de Agricultura e Abastecimento, 2003. 8p.

CECAFE. **Dados Estatísticos.**

<http://www.cecafe.com.br> (10 Abr. 2002)

CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM ECONOMIA APLICADA – CEPEA. **Série diária do Indicador Café Arábica.** <http://www.cepea.esalq.usp.br/> (12 abr. 2003)

CORÉIA DO SUL. Korea National Statistical Office. **Statistics.**

<http://www.nso.go.kr/eng/index.shtml> (11 Ago. 2003)

EMPRESA BRASILEIRA DE PLANEJAMENTO DE TRANSPORTES – GEIPOT.

Estudo de Corredores Bioceânicos – 1996. Brasília: GEIPOT, 1997a.

ESTADOS UNIDOS. **US Department of Labor. Bureau of Labor Statistics.**

<http://www.bls.gov/cpi/home.htm#overview> (26 Mai 2003)

EXPRESSO ARAÇATUBA. **Projeto Pacífico.** <http://www.exata.com.br/> (25 Mar. 2003)

FGV. **FGVdados.** <http://fgvdados.fgv.br> (15 Mai. 2003)

FAO. World Agricultural Information Centre.

http://www.fao.org/waicent/portal/statistics_en.asp (24 Abr.2002)

FRANCO, L. “Aumentam as vendas de café expresso”. São Paulo: **Gazeta Mercantil**, 29 Mai. 2003.

- FURTADO, C. **Formação Econômica do Brasil**. 27ª Edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2000.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **População**.
<http://www.ibge.gov.br> (25 Mai 2003)
- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **IPEADATA**.
<http://www.ibge.gov.br> (15 Abr. 2003)
- INTERNATIONAL COFFEE ORGANIZATION TRADE. **Trade statistics**.
<http://www.ico.org/frameset/traset.htm> (08 Abr. 2003)
- KEN, O. S. **El café desde una perspectiva asiática**. In: Conferencia Mundial del Café. Memorias de la Conferencia Mundial del Café. Bogotá : Federación Nacional de Cafeteros de Colombia, 2001.
- JAPÃO. Bank of Japan. **Statistics**.
<http://www2.boj.or.jp/en/dlong/stat/data/ehrate.txt> (14 Mai.2002)
- JAPÃO. Ministry of Finance. **Statistics**. <http://www.customs.go.jp/toukei> (20 Mai. 2003)
- JAPÃO. Ministry of Labor, Infrastructure and Transport. **Statistics**.
<http://www.mlit.go.jp/english/> (11 Ago. 2003)
- JAPÃO. Statistics Bureau and Statistics Center. **Statistics**.
<http://www.stat.go.jp/english/index.htm> (11 Ago. 2003)
- JAPAN EXTERNAL TRADE ORGANIZATION - JETRO. **Market Information**.
<http://www.jetro.go.jp/ec/e/market/index.html> (14 Mai 2002)
- JUNGUITO, R. **Tendencias Globales**. In: Conferencia Mundial del Café. Memorias de la Conferencia Mundial del Café. Bogotá : Federación Nacional de Cafeteros de Colombia, 2001.
- MELLO, P. C.; BACHA, C. J. C.; CAIXETA FILHO, J. V.; GARCIA, R.; ROCHA, H. F. N.; PIMENTEL, R. A.. **A abertura de um eixo de comércio exterior no oceano pacífico e o impacto econômico e social da ocupação do centro-oeste do Brasil**. 86 p. São Paulo: BM&F, 2000.
- MOTTA, I.; MONTELES, F. “FHC inaugura ponte da Norte-Sul”. São Paulo: **Gazeta Mercantil**, 30 set. 2002.

- NHAN, D. T. **Orientación del sector cafetero de Viet Nam**. In: Conferencia Mundial del Café. Memorias de la Conferencia Mundial del Café. Bogotá : Federación Nacional de Cafeteros de Colombia, 2001.
- PEDROSO, S. A. Núcleo de Estudos em Cafeicultura – NECAF. **Agronegócios no Brasil**. Lavras: UFLA, 2003. <http://www.nucleoestudo.ufla.br/necaf/> (21 Mai 2003)
- POMAR, W. **China: o dragão do século XXI**. São Paulo: Editora Ática, 2002.
- SAES, S.M.; FARINA, E.M.M.Q. **O agribusiness do café no Brasil**. 1º Edição. São Paulo, SP: Milkbizz, 1999. 230p.
- SAES, M.; NAKAZONE, D. **Estudo da competitividade de cadeias integradas no Brasil: impactos das zonas de livre comércio**. Cadeia: Café. Campinas: dez, 2002. <http://www.mdic.gov.br> (20 Mai 2003)
- SCARAMUZZO, M. “Sai novo plano para elevar preço do café”. **Valor Econômico**, 18 mai. 2003.
- STUANI, R.. “Caminhos da soja se expandem do Sudeste à Amazônia”. **Agência Estado** http://www.estadao.com.br/safra/2003/caminhos_002.htm (03 Abr. 2003)
- STIGLITZ, J. **El café y los nuevos rumbos de la economía**. In: Conferencia Mundial del Café. Memorias de la Conferencia Mundial del Café. Bogotá : Federación Nacional de Cafeteros de Colombia, 2001.
- UESHIMA, T. **Mercado Del café en el Japón**. In: Conferencia Mundial del Café. Memorias de la Conferencia Mundial del Café. Bogotá : Federación Nacional de Cafeteros de Colombia, 2001.
- WORLD Map. **South America**: Southern Region. London: GeoCenter. Escala 1:4.000.000.

ANEXO 1: Lista de empresas exportadoras de café verde para o Japão (2003).

Minas Gerais		Espírito Santo	São Paulo	Paraná
A G C F E Com. e Exportação LTDA	Ipanema Agrícola LTDA	CIA Importadora e Exportadora COIMEX	André MERCOSUR LTDA	Companhia Cacique de Café Solúvel
Agropecuária YKK LTDA	L J M Comércio, Exportação Importação de Café LTDA	Custódio Forzza Comércio e Exportação LTDA	CIA Importadora e Exportadora COIMEX	Cooperativa Agropecuaria Mouraonese LTDA
Agropecuária Pedra Redonda LTDA	Lambari – Exportação e Comércio de Café LTDA	ESTEVE S/A	Comercial Exportadora Agro Mercantil SH LTDA	Tristão Companhia de Comércio Exterior
Alfenas Café LTDA	Mc Coffee do Brasil LTDA	Exportadora e Importadora Marubeni Colorado LTDA	Comercial Yamamoto LTDA	UNICAFE Companhia de Comércio Exterior
Alto Cafezal Comércio Importação e Exportação LTDA	Minas Export LTDA	Giucafé Exportação e Importação LTDA	Comércio e Indústrias Brasileiras COINBRA S/A	
André MERCOSUR LTDA	Mitsui Alimentos LTDA	Nicchio Café S/A Exportação e Importação	Companhia Cacique de Café Solúvel	
Atlântica - Empresa de Comércio Exterior LTDA	Monte Alegre Comercial LTDA	Rio Doce Café S A Imp. e Exp.	Companhia Mogi de Café Solúvel	
Bourbon Specialty Coffees LTDA	Nippon Comércio e Exportação de Café LTDA	Tristão Companhia de Comércio Exterior	COMPEL Comercial Pequi LTDA	
Braswey S A Indústria e Comércio	PCS Exportadora LTDA	UNICAFE Companhia de Comércio Exterior	Cooperativa de Cafeicultores e Agropecuaristas	
Cafeira Sagrados Corações LTDA	Refinadora de Óleos Brasil LTDA		Cooperativa de Cafeicultores da Região de Garça	
CDJ Exportadora LTDA	Rio Doce Café S A Imp. e Exp.		Cooperativa Regional de Cafeic. em Guaxupé LTDA COOXUPE	
CIA Agropecuária Monte Alegre	Sabana Trading LTDA		Costa Café Comércio Exportação e Importação LTDA	
CIA Importadora e Exportadora COIMEX	SANCOFFEE – Cooperativa dos Produtores de Carnes Especiais Santo Antônio Estate Coffee LTDA		Esteve S/A	
COCAFE - Comércio & Exportação de Café Ribeiro do Vale LTDA	Sendas Comércio Exterior S/A		Exportadora e Importadora Marubeni LTDA	
Comercial Beneficiadora de Café LTDA	Sendas S/A		Fatec S/A	
Comercial Exportadora Agro Mercantil SH LTDA	Stockler Comercial e Exportadora de Café LTDA		Heron Coffee Exportação e Importação LTDA	
Comercial Industrial Branco Peres de Café LTDA	Swiss Coffee House do Brasil LTDA		Icatu Comércio Exportação e Importação LTDA	
Comissária Exportadora e Importadora Comexim LTDA	Talben Café Participações Agrícolas Ltda.		Irmãos Ribeiro Exportação e Importação LTDA	
Compel Comercial Pequi LTDA	Tristão Companhia de Comércio Exterior		La Cantare Comércio Importacao Exportacao e Rep. LTDA	
Coop. Regional dos Cafeicultores de S S do Paraíso LTDA	UNICAFE Companhia de Comércio Exterior		Mc Coffee do Brasil LTDA	
Cooperativa Agrícola de Monte Carmelo	Valorização Empresa de Café SA		Mitsui Alimentos LTDA	
Cooperativa Regional de Cafeic. em Guaxupé LTDA COOXUPE	Veloso Café do Cerrado Exportação e Importação LTDA		Scafechi Comércio e Exportação de Café LTDA	
Cooperativa Regional dos Cafeicultores de Poços de Caldas	Veloso Cerrado's Best Coffee LTDA		Stockler Comercial e Exportadora de Café LTDA	
Custódio Forzza Comércio e Exportação LTDA	Veloso Trading LTDA		Suiguem Agropecuária LTDA	
Dattera-Atividades Rurais LTDA	Vista Alegre Agropecuária LTDA		Sumitomo Corporation do Brasil S/A	
Esteve S/A	VOLCAFE LTDA		Swiss Coffee House do Brasil LTDA	
Expoaccer-Cooperativa dos Cafeicultores do Cerrado LTDA.			Technes Agrícola LTDA	
Exportadora de Café Guaxupé LTDA			Tomen Corporation do Brasil LTDA.	
Exportadora e Importadora Marubeni Colorado LTDA			Tristão Companhia de Comércio Exterior	
Exportadora Poços de Caldas LTDA			UCC-Ueshima Coffee do Brasil LTDA	
Exprinsul Comércio Exterior LTDA			UNICAFE Companhia de Comércio Exterior	
Golden Coffe Comércio e Exportação LTDA			VOLCAFE LTDA	

Fonte: MDIC (2003).

ANEXO 2: Lista de empresas exportadoras de café verde para a Coréia do Sul (2003).

Minas Gerais		Espírito Santo	São Paulo	Paraná
Atlântica - Empresa de Comércio Exterior LTDA	Minas Export LTDA	Agro Food Importação e Exportação LTDA	Costa Café Comércio Exportação e Importação LTDA	Esteve S/A
CIA Importadora e Exportadora COIMEX	Mitsui Alimentos LTDA	Caslam Trading LTDA	Custódio Forzza Comércio e Exportação LTDA	Tristão Companhia de Comércio Exterior
Comercial Industrial Branco Peres de Café LTDA	Nicchio Sobrinho Café S/A	CIA Importadora e Exportadora COIMEX	Esteve S/A	
Cooperativa Regional de Cafeic. em Guaxupé LTDA COOXUPE	Rio Doce Café S A Imp e Exp		Exportadora e Importadora Marubeni Colorado LTDA	
Custódio Forzza Comércio e Exportação LTDA	Sendas Comércio Exterior S/A		ICATU Comércio Exportação e Importação LTDA	
Esteve S/A	Stockler Comercial e Exportadora de Café LTDA		ODEBRECHT Comércio e Indústria de Café LTDA	
EXPOCACCER-Cooperativa dos Cafeicultores do Cerrado LTDA.	Stockler Comercial e Exportadora de Café LTDA		Stockler Comercial e Exportadora de Café LTDA	
Exportadora de Café Guaxupé LTDA	Tristão Companhia de Comércio Exterior		SUMATRA Cafés Brasil S/A	
Exportadora e Importadora Marubeni Colorado LTDA	UNICAFE Companhia de Comércio Exterior		TRISTAO Companhia de Comércio Exterior	
Exprinsul Comércio Exterior LTDA	VOLCAFE LTDA		UCC-Ueshima Coffee do Brasil LTDA	
Gardingo Trade Importação e Exportação LTDA			UNICAFE Companhia de Comércio Exterior	
Mc Coffee do Brasil LTDA			Usina São Francisco S/A	

Fonte: MDIC (2003).

ANEXO 3: Lista de empresas exportadoras de café verde para a China (2003).

Minas Gerais	Espírito Santo	São Paulo		Paraná
UNICAFE Companhia de Comércio Exterior	Custódio Forzza Comércio e Exportação LTDA	Costa Café Comércio Exportação e Importação LTDA	SOPEX do Brasil LTDA.	TRISTAO Companhia de Comércio Exterior
Veloso Café do Cerrado Exportação e Importação LTDA		Esteve S/A	TRISTAO Companhia de Comércio Exterior	
Veloso Cerrado's Best Coffee LTDA		Rossi Tech' N' Espresso do Brasil LTDA	UNICAFE Companhia de Comércio Exterior	

Fonte: MDIC (2003).

ANEXO 4: Lista de empresas exportadoras de Café Verde descafeinado para os mercados asiáticos estudados (2003).

Japão	Coréia do Sul	China
M.Z.A. Comércio Importação e Exportação LTDA	Companhia Cacique de Café Solúvel	Comercial Astro LTDA
		Regency Comércio Internacional LTDA

Fonte: MDIC (2003).

ANEXO 5: Lista de empresas exportadoras de café torrado e não descafeinado para os mercados asiáticos estudados (2003).

Japão		Coréia do Sul	China
Atacadão Distribuição Comércio e Indústria LTDA	Jardim Indústria e Comércio S/A	Companhia Cacique de Café Solúvel	Café Fazenda da Serra LTDA
Brasil Express Comércio Importação e Exportação LTDA	JJW Importação e Exportação LTDA	THOMAZ HWANG Trading LTDA	Comercial Astro LTDA
Café Damasco Sociedade Anônima	M.Z.A. Comércio Importação e Exportação LTDA		Regency Comércio Internacional LTDA
Companhia Cacique de Café Solúvel	Piratininga Agro Industrial LTDA		
Fatec S/A	TODOTEMPO Comércio e Exportação LTDA.		
Brasil Express Comércio Importação e Exportação LTDA	YUTAKA Trading Comércio Importação & Exportação LTDA		
IMAI Negócios LTDA			

Fonte: MDIC (2003).

ANEXO 6: Lista de empresas exportadoras de café torrado e descafeinado para os mercados asiáticos estudados (2003).

Japão	Coréia do Sul	China
M.Z.A. Comércio Importação e Exportação LTDA	Companhia Cacique de Café Solúvel	Comercial Astro LTDA
		Regency Comércio Internacional LTDA

Fonte: MDIC (2003).

ANEXO 7: Lista de empresas exportadoras de extratos, essências e concentrados de café para os mercados asiáticos estudados (2003).

Japão		Coréia do Sul	China
Artes Brasil Importação e Exportação LTDA	Nestlé Brasil LTDA.	COCAM CIA de Café Solúvel e Derivados	Café Solúvel Brasília SA
Café Solúvel Brasília SA	Padruga de Alimentos LTDA	Comercial Industrial Branco Peres de Café LTDA	COCAM CIA de Café Solúvel e Derivados
COCAM CIA de Café Solúvel e Derivados	REALCAFE Solúvel do Brasil S A	Companhia Cacique de Café Solúvel	Companhia Cacique de Café Solúvel
Comercial Industrial Branco Peres de Café LTDA	TECHNES Agrícola LTDA	Companhia Iguaçu de Café Solúvel	MACSOL Manufatura de Café Solúvel LTDA
Companhia Cacique de Café Solúvel	Três Marias Exportação, Importação LTDA	Companhia Mogi de Café Solúvel	
Companhia Mogi de Café Solúvel	YUTAKA Trading Comércio Importação & Exportação LTDA	MACSOL Manufatura de Café Solúvel LTDA	
Companhia Mogi de Café Solúvel		North Star Multi Comércio LTDA.	
IFF Essências e Fragrâncias LTDA		Odebrecht Comércio e Indústria de Café LTDA	
JJW Importação e Exportação LTDA		TREA Comércio Importação e Exportação LTDA	
La Cantare Comércio Importação Exportação e Rep. LTDA		Três Marias Exportação, Importação LTDA	
MACSOL Manufatura de Café Solúvel LTDA		UNIOXY Comercial LTDA	
MITSUI Alimentos LTDA		Usina São Francisco S/A	

Fonte: MDIC (2003).